

Questões de Raça

C P V

SET 1997

Setor de Documentação

SELEÇÃO DE NOTÍCIAS DA IMPRENSA BRASILEIRA SOBRE RELAÇÕES RACIAIS • Nº 8 • MAR-ABR DE 1997

A eleição de Celso Pitta: relações raciais e contexto político

Márcia Lima*

Este número de *Questões de Raça* traz como tema um dos episódios mais marcantes no contexto das relações raciais no plano político brasileiro: a candidatura e a eleição de Celso Pitta para a prefeitura de São Paulo. A elaboração deste *clipping*, que seria produzido logo após as eleições do ano passado, foi adida no intuito de aguardar o desenrolar da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a venda de títulos públicos – a CPI dos precatórios – envolvendo o nome do prefeito eleito, para darmos um panorama mais amplo de sua trajetória.

“Quem é esse negro atlético, dono de um físico avantajado, com 1,90 metro e que, só agora, por motivos eleitorais começa a usar jeans e tênis, deixando descansar no armário sua coleção de ternos impecáveis?” (*O Globo*, maio de 1996). É com essa descrição que Celso Pitta, um economista de 49 anos, surgiu na imprensa brasileira, chamando a atenção para dois fatos: a sua cor e a sua inexpressividade política. São esses dois elementos que permaneceram destacados no decorrer de toda a campanha eleitoral.

Vindo de uma trajetória atípica em relação à população negra do Brasil, em termos de educação e mobilidade social, Celso Pitta fez questão de marcar sempre sua competência, desempenho e dignidade nos cargos que ocupou como os fatores que lhe possibilitaram trilhar os caminhos que trilhou. Quanto ao preconceito, afirmava que nunca sentiu sua manifestação nos empregos por onde passou. Nesse sentido, Pitta procurou valorizar o esforço individual de sua trajetória, com base na meritocracia, afirmando que “determinação e personalidade prevalecem sobre qualquer situação discriminatória” (*Raça Brasil*, março de 1997).

Por outro lado, o atual prefeito de São Paulo concorda com a existência de discriminação racial no país, fazendo uma abordagem comum à grande maioria dos brasileiros sobre preconceito no Brasil – ele existe, mas está sempre distante de quem fala: “não aconteceu comigo”. Além disso, ele mesmo procurou destacar sua participação nos grupos de estudos da USP que têm procurado avali-

ou seja, Pitta oscilava entre um discurso comum e um discurso engajado, demonstrando sua fragilidade em relação ao tratamento a ser dado à questão. Nota-se um movimento de exclusão e resgate de sua cor. Ele a excluía, ao afirmar nunca ter sido discriminado, e a resgatava, quando se colocava como uma figura que pensava os problemas advindos do preconceito racial.

No entanto, a CPI dos precatórios mudou o discurso do prefeito de São Paulo sobre sua trajetória de sucesso, livre de discriminação. “Estou sendo alvo de perseguição racial”, afirmou Pitta, para se defender das acusações de corrupção. O homem que até então não se sentia nem branco nem negro, e sim Celso, como ele mesmo afirmara, passou a se sentir negro, vítima de discriminação racial no Brasil, como muitos outros.

Em uma interessante reportagem publicada na revista *A República*, em fevereiro, a jornalista Marilene Felinto utiliza a palavra “invisibilidade” para a construção da imagem de Celso Pitta. Ela observa que essa invisibilidade não é só relativa à cor, mas também a um projeto político. Dessa forma, Pitta representa um projeto que não é seu e, portanto, não é possível pensá-lo como um candidato negro. Infelizmente, não foi possível incluir esta reportagem no *clipping*, pois a autora não autorizou a reprodução.

Como membro de uma classe social onde é mais difícil encontrarmos negros, por mais que Celso Pitta tentasse ser *invisível*, foi inevitável a elaboração de um discurso que levasse em conta sua cor. Sua saída foi, então, afirmar sempre que sua trajetória deveria ser motivo de orgulho para a comunidade negra brasileira. Uma exceção e um espelho.

Outro aspecto do caso Pitta que merece ser abordado é o dos adversários de esquerda e do movimento negro. Em linhas gerais, Pitta sempre foi atacado pelo fato de estar ligado a um partido de direita que representa a elite do país, portanto, impossibilitado de se comprometer com causas sociais que envolvam a melhoria das condições de vida da população negra. Contudo, valorizou-se o fato

para o cargo público mais importante da cidade.

Quanto à esquerda paulista, principalmente o Partido dos Trabalhadores, com a candidatura de Luiza Erundina, ela foi vista como inábil para tratar da discussão das relações raciais. A tentativa da candidata de atacar Pitta, chamando-o de um “negro com cabeça e comportamento de um branco safado”, foi o acontecimento que mais chamou a atenção na imprensa paulista. As reações foram extremamente negativas, pois a afirmação, considerada igualmente racista, fez Erundina perder votos de brancos e de negros. Além disso, suas estratégias para tratar da questão racial foram colocar uma negra como apresentadora do programa do partido e historiar atitudes racistas de Paulo Maluf, como forma de deslegitimar a escolha de Pitta para seu sucessor.

Quanto à militância negra, alguns lamentaram terem preparado durante tanto tempo um território de conscientização para que ele fosse utilizado justamente pela direita. Foi destacado também o fato de o candidato procurar sempre marcar sua trajetória educacional – estudar em Harvard, por exemplo – como algo que o diferenciava da população negra brasileira, um negro acima dos padrões que nunca esteve envolvido com o movimento negro e que sempre fez questão de ressaltar o fato de ser bem-sucedido. Por outro lado, muitos procuraram valorizar, independentemente do fato de Celso Pitta ser de direita, a presença de um negro na prefeitura de São Paulo.

Outro momento importante da presença do movimento negro foi quando Pitta apelou para racismo no caso da CPI dos precatórios. Alguns integrantes do movimento negro paulista lhe deram total apoio, fazendo com que Pitta obtivesse um retorno imediato de sua apelação. O homem invisível ganhou cor e buscou no restante da população negra o respaldo para se defender do racismo, abandonando o discurso do mérito e do esforço individual, tão caros à sua trajetória.

Resta-nos esperar e ver como Pitta

Um carioca na sucessão paulistana

Com porte atlético e diploma de Harvard, candidato de Maluf chama atenção

O Globo,
maio de 1996

Alessandro Porro

• SÃO PAULO. Um carioca está movimentando a sucessão paulistana. Para assumir a cadeira do prefeito Paulo Maluf, apresenta-se, como candidato do PPB, o economista Celso Pitta, de 49 anos, antigo morador do Leblon, no Rio. É especialmente na direção de Pitta que converge a curiosidade dos eleitores. Quem é esse negro atlético, dono de um físico avantajado, com 1,90 metro e que, só agora, por motivos eleitorais, começa a usar jeans e tênis, deixando descansar no armário sua coleção de ternos impecáveis? Em seu apartamento nos Jardins, Pitta confessa:

— É verdade, ainda tem pouca

gente que me conhece. Já me aconteceu de ser confundido com um pastor das Testemunhas de Jeová quando chego a algum lugar distante da periferia...

Mas se Pitta ainda não alcançou popularidade nos arrabaldes da grande cidade — afinal, a campanha ainda não entrou na fase dos comícios e dos programas na TV — seu currículo provoca interesse na classe dirigente paulistana. "Doutor Celso", como é conhecido nos últimos andares dos arranha-céus da Avenida Paulista, não é só popular: é temido.

— Talvez seja porque eu sei dizer não com a maior tranquilidade — diz Pitta.

Como secretário de Finanças da Prefeitura, homem número um de Maluf, deve ter provocado espanto com seus "não" tranquilos. Até cinco ou seis meses atrás, em casa ou no trabalho, repetia com ela: "Política não é comigo". Ago-

ra, ao lado da mulher Nicéia, que o namora desde o primeiro encontro, há 30 anos, num baile de carnaval carioca, conta:

— Quando o doutor Paulo (Maluf) me disse que o partido havia escolhido meu nome para a sucessão, pensei em recusar. Mas quando soube dos motivos que haviam provocado a indicação da alta cúpula do partido, comecei a me animar. Falavam em competência, seriedade, honestidade. Eu estudei a vida inteira para ser competente no que faço (Celso Pitta, diplomado na UFRJ, cursou administração avançada em Harvard, nos EUA, e é mestre em economia pela Universidade de Leeds, na Inglaterra). Sou sério sim, e honesto até ser chato. Então, aqui estou.

Pitta não oferece ao biógrafo um passado carregado de abstinências. Nunca morou em favela, sempre foi cercado pelo conforto

de uma família normalmente abastada (a mãe cartógrafa e professora de desenho, o pai vendedor de carros):

— Quando você sabe fazer valer seus direitos, ser negro não é difícil. Lá fora, é mais fácil, é verdade. No Brasil? Não posso dizer de não ter nunca tido problema. Mas como não ficar confiante agora, diante das últimas pesquisas? Mais de 90% dos paulistanos dizem que para eles não faz nenhuma diferença se o candidato for branco, preto ou amarelo.

Quando fala da desistência do ministro José Serra de disputar a Prefeitura pelo PSDB, aproveita para alfinetar, com uma pitada de crueldade, os outros candidatos:

— Sinceramente, acho uma pena não ter de enfrentar Serra. Com ele, o debate seria levado a outro nível, certamente mais construtivo, mais gratificante, especialmente para os eleitores. ■

FÓRUM DE DEBATES

TEMA: ELEIÇÕES

Esta coluna é um espaço aberto para a opinião dos leitores sobre temas em destaque.

O Estado de São Paulo,
15-9-96

Questão de classe

Acreditar que a candidatura de Celso Pitta abrirá novos horizontes para a superação da discriminação racial é uma triste ilusão de algumas pessoas da comunidade negra. Pitta tem como padrinho o empresário branco e atual prefeito, Paulo Maluf. Todos os que conhecem a verdade sabem que Maluf representa os interesses de uma elite branca, que não está nem aí para a barbárie em que milhares de negros se encontram. Pitta não defenderá os inte-

resses dos negros discriminados porque já assumiu a defesa dos interesses dessa elite. Basta verificar o número de presos, de crianças de rua, de desempregados e de pessoas chacinadas na periferia de São Paulo. A maioria é negra. E Pitta não resolverá o problema social e econômico dessa maioria negra marginalizada, porque seu partido (PPB) é aliado dos responsáveis por essa situação: Fiesp, banqueiros, empreiteiras, latifundiários, grandes empresários. O negro que votar em Pitta votará a favor da manutenção da própria marginalização econômica e social. Geraldo Paulino, diretor do Sindicato dos Petroleiros de São Paulo, Capital

Diário Popular,
1-9-96

DIÁRIO
ESPECIAL
DENISE CHIARATO e colaboradores

Pitta atrai negros de todas as cores

Mesmo sem nunca ter levantado qualquer bandeira contra o racismo, Celso Pitta (PPB) está fazendo com que os negros deixem a questão partidária de lado e adotem o voto racial. Lideranças do movimento negro de São Paulo admitem que Pitta está "puxando" o voto até de quem era ligado a outros partidos. "Conheço gente do PT que vai votar nele porque é da mesma raça", admite Antônio Carlos Arruda, presidente do Conselho Estadual da Comunidade Negra. Entre os eleitores menos politizados, a identificação também é grande. "Quando Pitta passa na rua, as pessoas esfregam o dedo na pele. Como se dissessem, olhe estamos juntos porque somos negros", diz. Sueli Carneiro, coordenadora executiva do grupo Gulede, também admite que a ascensão de Pitta é reflexo do processo de conscientização do negro. "Negro quer votar em negro, mesmo de direita", admite.

Apesar dos números serem favoráveis a Pitta, os dois acham que é cedo para afirmar que o eleitor paulistano superou a barreira do racismo. Para Antônio Car-

EDSON LOPES CARDOSO

O avanço dos bonecos

O Estado de São Paulo,
11-10-96

A candidatura Celso Pitta à Prefeitura de São Paulo tem sido predominantemente caracterizada como desprovida de "luz própria", com origem exclusiva no "bolso do colete" de Paulo Maluf. A essa visão redutora de Pitta a mero "boneco de ventríloquo" queremos opor uma outra, que, sem eliminar os processos rotineiros de cooptação, chama a atenção para a crescente visibilidade da questão racial no campo da política.

Enquanto a lógica publicitária dominante entre nós bloqueia as imagens do negro, na candidatura Pitta seus correligionários justificaram a escolha "principalmente em razão da cor de sua pele". Uma can-

didatura negra "reforçaria a tentativa de mudança de imagem do malufismo, ainda rotulado como conservador".

Lembrei-me da dúvida do soneto machadiano: mudou o Natal? Eu mudei? Muitos estão atentos à mudança de imagem do malufismo, sem perceber que ela só se torna possível na medida em que se apóia na mudança de imagem do negro, que se vai processando, profundamente, na consciência social brasileira.

O fato é que se atribui aqui à imagem do negro, ao contrário do que ainda acontece com os xampus, os sabonetes e as cervejas, um elevado poder renovador, capaz de, por si só, dar nova feição a um projeto político que transcende os limites da eleição municipal.

A idéia pura e sim-

Continua na pág. seg.

Não deixe de
assinar

AFRO-
NOTÍCIAS

O informativo

Racismo - Ausente das Olimpíadas (afinal, em Atlanta, ele não poderia ser o centro dos acontecimentos).

Pelé declara-se agora a favor do sr. Pitta, candidato de Maluf (foto) ao governo de São Paulo e justifica:

- Ele é preto como eu!

Isso é racismo, oh rei!, e dos mais deslavados, a pedir en-



Pitta afirma que traz prestígio aos negros

Diário Popular,
28-10-96

O candidato da coligação Não Deixe São Paulo Parar, Celso Pitta, disse ontem que, se vencer a eleição à Prefeitura da Capital, isso trará prestígio à comunidade negra, além de levantar sua auto-estima. A análise foi feita por Pitta durante um almoço no evento Um Dia na África, ocorrido no salão das obras sociais da paróquia Nossa Senhora Achiropita, no Bixiga, Centro da cidade.

Pitta disse que pretende "ter negros e pessoas de outras etnias" em seu secretariado. Ele rebateu a crítica que vem sendo feita por sua adversária da coligação Sim Por São Paulo, Luiza Erundina (PT), de que não tem com-

promissos com a comunidade negra. O candidato afirmou que o PT tem a visão distorcida de que o cidadão negro tem de ser "beligerante e belicista" — que promove uma guerra.

O candidato frisou que o PT não entende que uma pessoa com o seu perfil, que ocupou cargos no setor público e privado, prestígio e valoriza a raça negra. Pitta ainda lembrou que, durante a gestão de Luiza Erundina na Prefeitura, ninguém da raça negra ocupou cargo de secretário.

O almoço do Um Dia na África — onde o candidato comeu tutu de feijão, torresmo, couve e carne de porco — foi organizado pela pastoral negra da paróquia da Achiropita. O padre Toninho (Antônio Aparecido da Silva), pároco da igreja, afirmou que a candidata Erundina foi igualmente convidada, mas sua assessoria infor-

mou que ela já tinha outros compromissos agendados. Ele lembrou que a intenção é o de prestar solidariedade aos povos africanos e essa foi a terceira edição do evento.

Pitta voltou a falar sobre a sua participação em debates com Erundina. Ele afirmou que irá ao da Rede Bandeirantes de Televisão, previsto para 11 de novembro. "Um dos dois debates que irei é o da Bandeirantes", disse, pouco antes do cancelamento de uma carreta pela Zona Norte. Ele não adiantou qual o outro debate que teria sua presença. Assim como a carreta, os dois shows previstos para ontem, ambos na Zona Oeste, também foram cancelados. As interrupções aconteceram em função da chuva.

RAPADURA

Antes de começar a carreta, a candidata conversou com Maria Beatriz

que segurava uma faixa de Pitta entre as bandeiras do PT. Maria subiu na caminhonete de Erundina e se queixou do descaso dos políticos em geral com a região. Ela disse que não votaria em ninguém no segundo turno. "Nós pedimos para que você reflita. A gente te respeita e é você quem vai decidir, mas não vote nulo não", pediu a ex-prefeita. Ao descer, visivelmente constrangida, Maria disse que votaria na ex-prefeita.

Animada com a recepção que encontrou nos conjuntos habitacionais de Taipas, alguns ainda em construção sob o sistema de mutirão, a ex-prefeita manteve sua agenda mesmo debaixo de chuva. Em uma das paradas, no Bar do João, Erundina comprou uma rapadura para comer com farinha. Ela fez questão de cortar a rapadura e distribuir entre os amigos.

Celso Pitta e o voto negro

"...A LEALDADE DAS LIDERANÇAS negras, particularmente as de esquerda, acabou por se evaporar..."

DIVA MOREIRA *

O Estado de Minas,
31-10-96

As lideranças negras de São Paulo, em sua grande maioria, estão apoiando Celso Pitta. Os setores de esquerda, aí incluídos os próprios negros do PT, e os liberais "pittufaram". Aqueles que por coerência ideológica não fecharam com Pitta, também não estão

apoiando Erundina, como anteriormente. Importante intelectual negra entrevistada afirma: "Maluf veio e aproveitou todo o território preparado pelo movimento negro. Foi a militância negra no PT que legitimou a discussão desta questão na sociedade. É uma pena que a esquerda não tenha sabido capitalizar este território duramente conquistado".

Muitas razões explicam a identificação dos negros com Pitta.

Duas são de ordem política, como a surda indignação com as esquerdas que buscam os eleitores negros antes das eleições e na hora da posse exibem um secretariado totalmente composto de brancos. O jornal "Trovão", que reflete os interesses de uma emergente burguesia negra, em São Paulo, e está abertamente engajado na campanha de Pitta, endurece o jogo: "Deixem-nos em paz, senhores. Negro no PT não tem vez. Como se chama o negro que é secretário no governo de Erundina? Como se chama o negro que é secretário do governador de Brasília? Como se chama o negro que é secretário em Belo Horizonte, ou

Cont. da pág. anterior

O avanço dos bonecos

...ples de manipulação e uso me parece de todo inadequada. A unilateralidade proveniente de uma vontade absoluta fica muito bem situada no *Genesis*, o livro bíblico em que Deus disse: "Haja firmamento." E o firmamento se fez. Na política, em que se relacionam fatos econômicos, sociais e subjetividades, nenhum deus, ainda que possa estar assessorado por diabólicas estratégias de marketing, pode dizer: "Haja candidato negro." E o candidato brotar, assim, do vazio abissal do próprio bolso.

ria, porém, esfacelou os núcleos, as comissões e as secretarias. O universalismo das esquerdas parece criar dificuldades para a absorção da identidade de grupos, mesmo majoritários. As hesitações do Partido dos Trabalhadores na campanha de Benedita da Silva para a prefeitura do Rio de Janeiro, derrotada na praia, são uma evidência dramática dos limites que a esquerda se impôs para aprofundar o debate sobre desigualdades raciais. Sua concessão máxima será consubstanciada no esdrúxulo conceito de "apartheid social", no qual o adjetivo cumpre a função exclusiva de negar a dimensão racial inerente ao substantivo.

Nos dias agitados que antecederam a realização da Marcha Zumbi dos Palmares, em novembro de 1995, o ministro Édson Arantes do Nascimento, o Pelé, declarou a representantes de entidades negras que sua trajetória o levava a compreender a importância da política para resolver os nossos problemas, e o negro teria

ciências negras em todo o País traziam à superfície uma questão racial finalmente liberta das amarras culturalistas, com suas linhas convergindo (até o Pelé?) para o enfrentamento com uma ordem de privilégios e de dominação.

Os avanços políticos do Movimento Negro são expressivos, mas não suficientes para superar suas debilidades organizativas. O alcance de seu ativismo fecundo pode ser medido hoje pelo número significativo de candidaturas a vereador vinculadas a comunidades negras rurais. Vai se consolidando nos grotões mais distantes uma consciência negra que quer poder efetivo para transformar um quadro de profundas desigualdades.

Não vamos jogar fora, portanto, com a simplificação da imagem do "fantoche", a oportunidade de debater a complexidade da conjuntura de nossas relações raciais. Celso Pitta não é candidato do Movimento Negro. No entanto, é nas trilhas abertas pelo Movimento Negro que o malufismo

Continua na pág. seg.

Voto negro tem de ser coerente

Caros irmãos negros, não se vendam por um simples voto. Não deixe a minoria nazista usar a imagem dos negros para beneficiar-se de exploração. Tem gente pensando que nós, negros, não temos a menor visão do significado da palavra política. Não troque seu voto por uma simples lata de leite, que sai às custas de nosso próprio bolso. Não troque seu voto por mera e objetiva enganagem. Não troque seu voto por uma campanha desonesta, usando dos cofres públicos que nós contribuímos com o IPTU. E lembre-se que furar a fila é

Pitta pensa como 'branco safado', diz Erundina

O Estado de São Paulo,
5-10-96

Em discurso na Zona Sul, candidata ataca adversário do PPB, afirmando que ele não tem compromisso com a população negra, e acusa Maluf de não gostar "de negro nem de nordestino"

SALETE SILVA

A candidata do PT à Prefeitura de São Paulo, Luiza Erundina, afirmou no domingo à noite, durante discurso a moradores do Campo Limpo, Zona Sul, que o candidato do PPB, Celso Pitta, não tem compromisso com a população negra e nunca participou de campanhas em defesa dos negros. "Ele diz que tem a pele negra, mas internamente tem cabeça e comportamento de branco, branco safado", declarou. A candidata também fez ataques ao prefeito Paulo Maluf: "Ele não gosta nem de negro nem de nordestino." Segundo o coordenador de Comunicação da campanha do PT, Pedro Dallari, a idéia de Erundina é mostrar que Pitta não tem uma trajetória de luta para modificar as condições sociais da população negra. "O que ela quis dizer com a frase é que o hábito não faz o monge", explicou Dallari. Desde o reinício do programa eleitoral gratuito na TV, os pe-

tistas estão dando mais atenção ao tema racial. Segundo Erundina, a escolha da publicitária negra Lilliane Santos como locutora do programa foi uma forma de homenagear a população negra.

Descontrole — Os publicitários Nelson Biondi e Duda Mendonça, coordenadores do programa de TV do PPB, exploraram ontem a frase de Erundina no programa do horário eleitoral gratuito. A intenção de Biondi e Mendonça era mostrar que Erundina está descontrolada. Eles gravaram um depoimento de Pitta dizendo que não iria comentar a declaração da petista por considerá-la fruto do desespero.

"Ponho em dúvida que dona Erundina tenha dito isso porque tenho ela em boa conta", comentou ontem o prefeito Paulo Maluf. "Mas se ela realmente falou que o senhor Pitta age como um branco safado eu a penitencio porque na verdade só posso atribuir isso à instabilidade emo-

cional pelos baixos níveis das pesquisas de opinião pública."

Debate — O comando da campanha do PT deu a última cartada na tentativa de convencer Pitta a participar de um debate com Erundina no próximo dia 12, na Rede Globo de Televisão. Ontem pela manhã, Pitta recebeu das mãos do senador Eduardo Suplicy (PT-SP) uma carta escrita por Erundina, na qual a petista pede que ele reconsidere a decisão de não participar do debate organizado pela Globo, cancelado por causa da recusa de Pitta.

Na carta, a petista observa que os debates propiciam aos eleitores uma melhor oportunidade de conhecer os candidatos, fazendo com que a escolha seja a mais consciente e democrática possível. "Por esta razão é que venho ponderar a vossa senhoria o quanto importante será para a população de São

Paulo que ambos aceitemos o debate que está sendo proposto pela Rede Globo de Televisão", diz Erundina. "Será uma oportunidade que estaremos dando aos eleitores de nos conhecerem em maior profundidade, nossos valores e compromissos, nossas propostas, qualidades e limitações antes da decisão final de cada um."

Segundo Suplicy, Pitta disse que ficou "honrado" em receber a carta de Erundina e vai "repensar" a decisão de não participar do debate da TV Globo. O senador afirmou ainda que o pepebista declarou ter ficado preocupado com a forma como sua recusa foi anunciada pela TV Globo e com a exploração do fato na propaganda do PT. "Pitta ficou de pensar e disse que responderia a Erundina com outra carta", comentou Suplicy.

Colaboraram Ana Cristina Rony e Flávio Mello

Continuação da pág. anterior

Celso Pitta e o voto negro

Santos?" A outra razão foi a tradicional irrelevância atribuída à raça pelas esquerdas. Dar prioridade à questão racial seria dividir a classe operária. A rigor, não haveria racismo no Brasil. Os problemas que afligiam os negros originavam-se de sua condição sócio-econômica. Mas há algo ainda mais grave: a própria esquerda sucumbiu diante do racismo. O espaço reservado à Coordenadoria do Negro, no governo Erundina, era chamado de "Planeta dos Macacos". Não é, pois, sem razões que a lealdade das lideranças negras, particularmente as de esquerda, acabou por se evaporar, quando surgiram as condições de se eleger um prefeito negro.

Há também razões de ordem psicológica. Celso Pitta é um modelo de sucesso: tem refinada formação universitária (economista formado pela UFRJ, fez mestrado em Economia dos Transportes na Universidade de Leeds, na Inglaterra e doutorado em Administração Avançada em Harvard). Sua carreira profissional é invejável (foi executivo da Eucatex, diretor da Casa da Moeda e secretário de Finanças no governo Maluf). Pos-

reótipos negativos secularmente veiculados para reforçar o mito da inferioridade da raça negra. E como tal acabou por despertar um saudável sentimento de orgulho e de auto-estima entre os negros.

Os brancos de esquerda não conseguem entender que o voto ideológico seja substituído pelo voto racial e consideram racista a atitude dos negros. Questionam também o que seria uma opção direitista, pró-Maluf. Certamente Maluf ganhou um ponto, na apreciação dos negros. Comenta-se que ele "bancou" sozinho a candidatura Pitta, sem qualquer apoio dos próceres de seu partido.

O fenômeno Pitta, em São Paulo, o sucesso de vendas da revista "Raça Brasil", a cobrança dos movimentos negros organizados de que os candidatos a prefeito incluam em seus programas de governo reivindicações no campo de políticas sociais e raciais e que tenham negros na equipe de governo — são sinais extremamente positivos de que a população negra está não apenas em marcha, mas conquistando espaços decisivos

Publicação do CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS, do Conjunto Universitário Candido Mendes. Edição: Equipe do Projeto Afro-Brasil (Carlos A. Hasenbalg, Helena Costa, Márcia Lima e Nelson do Valle e Silva). Apoio: The Andrew W. Mellon Foundation. Produção Gráfica: Hamilton Magalhães Neto. Arte-Final: Cléber Cordeiro. Correspondência e pedido de números atrasados devem ser encaminhados à Sociedade Brasileira de Instrução — CEEA, Rua da Assembleia, 10, Conj. 501 — CEP 20119-900, Rio de Janeiro — RJ — Brasil — Tel. (021) 531-2000, ramal 259, e 531-2636, Fax (021) 531-2155. Distribuição gratuita.

Chumbo quente

Guto Gonçalves

Folha da Tarde,
5-11-96

PRETO NO BRANCO

Sobre denúncias que vem apresentando contra o prefeito Paulo Maluf e seu candidato Celso Pitta (PPB), Luiza Erundina (PT) avisa: "Na atual fase da minha vida não faria acusações vazias que não tivesse condições de comprovar."

deve fazer parte de seus discursos.

...HISTÓRICO

A candidata deve ressuscitar relatório elaborado durante a gestão do ex-governador Paulo Maluf que comentava os riscos do crescimento da população negra e parda até o ano 2000. "O relatório foi rechaçado pelo então deputado estadual Luis

SUCESSÃO MUNICIPAL

Erundina pede desculpas por ofensa a Pitta

Petista atribui à "emoção" do comício comparação de rival com "branco safado"

SALETE SILVA

A candidata à Prefeitura de São Paulo, Luiza Erundina (PT), pediu desculpas ontem ao concorrente Celso Pitta, candidato do PPB, por ter afirmado no domingo que Pitta tem a pele negra mas "internamente tem cabeça e comportamento de branco safado". "Se o candidato se sentiu ofendido, eu peço aqui, publicamente, desculpas", disse a petista durante o horário eleitoral vespertino do PT. Erundina tentou explicar que seu discurso se tratava de uma crítica às posições de

Pitta e da atual administração a respeito das questões sociais.

"No calor do discurso, na emoção de um grande comício, usei uma palavra que nunca costumo usar", explicou. "Vocês me conhecem e sabem que eu sempre trato todo mundo, até mesmo meus adversários, com respeito, com consideração", acrescentou. O programa eleitoral gratuito petista de ontem divulgou ainda uma carta do jornalista da Rede Bandeirantes, José Paulo de Andrade, criticando os coor-

denadores do programa de Pitta por usarem, sem autorização, seu comentário sobre a declaração de Erundina.

A petista ontem evitou falar sobre o assunto durante o dia. Ela disse apenas que iria usar o programa eleitoral gratuito para esclarecer o episódio. Segundo ela, no entanto, a declaração não deverá prejudicar sua candidatura e beneficiar a do concorrente. "Não me prejudica porque as pessoas me conhecem e vão compreender eventuais falhas minhas",

disse a ex-prefeita. "Todo ser humano tem falhas e eu não acerto sempre", acrescentou.

Pesquisa — A ex-prefeita falou mais sobre seu desempenho na pesquisa de opinião do Ibope-Estado-Rede Globo, que mostra uma redução da vantagem de Pitta de 31 para 24 pontos percentuais. "A pesquisa indica uma tendência de alteração na decisão do eleitor", avaliou. Para a petista, ainda é possível reverter o resultado, embora o concorrente mantenha 54% das intenções de voto e ela apenas 30%. "Percebo mudança no clima das ruas", observou.

Erundina negou possíveis desentendimentos com a direção estadual do PT. "Estranhei essa notícia porque não falei sobre o assunto", afirmou.

O Estado de São Paulo, 6-11-96



JORNALISTA RECLAMA DE USO DE COMENTÁRIO

Declarações continuam rendendo

O Estado de São Paulo, 6-11-96

PPB se aproveita do desliz da candidata para pregar melhor preparo de Pitta

LEILA REIS
Especial para o Estado

O dia de ontem deve ter sido péssimo para a candidata do PT, Luiza Erundina. Se arrependimento matasse... Até o fim da campanha ela vai ter de justificar a infelicidade de seu arroubo retórico no Campo Limpo. Dizer que, a despeito da cor de sua pele, Celso Pitta se comporta como branco safado pegou muito mal. O movimento negro não gostou e a direção do PT promete retomar o assunto (com a candidata) assim que passar a eleição.

A escorregada da ex-prefeita levou o prefeito Paulo Maluf de novo ao vídeo. Maluf voltou a alertar o eleitor para o perigo que é colocar alguém que "perde o controle" na Prefeitura da "terceira maior cidade do mundo". O programa do PPB voltou a mostrar a declaração de Erundina junto com o pouco convincente desmentido da candidata na manhã

de ontem. O candidato Celso Pitta não tocou no assunto durante o programa exibido à noite. Ele preferiu comparar o Projeto Cingapura à "uma vacina que previne uma doença grave", explicando que o remédio para as falhas foi encontrado por Paulo Maluf. O programa do PT começou exibindo resultados das pesquisas que mostram a ascensão de Erundina e a perda de alguns pontos do adversário. Depois, a candidata discorreu sobre seus planos para cuidar de adolescentes e crianças. Com a vinheta

"Hora de Sumar", o programa exibiu em seguida a adesão à campanha petista do poeta Haroldo de Campos e do crítico literário Antônio Candido. Finalmente, Erundina explicou que não tem a intenção de fazer crítica pessoal a Celso Pitta, mas sim às suas posições políticas. Em todo caso, a candidata pediu desculpas ao adversário. Em seguida, a apresentadora entrou em cena para sublinhar o comportamento elegante e ético de Erundina. Ficou muito forçado.

Representantes de movimento negro condenam declarações de candidata

O Estado de São Paulo, 6-11-96

Pepebista diz que ex-prefeita "mostrou seu lado racista"; petista acha que ela foi "infeliz"

LUIZ AUGUSTO FALCÃO

As declarações de Luiza Erundina (PT) sobre seu adversário Celso Pitta (PPB) — "ele diz que tem pele negra, mas internamente tem comportamento de branco safado" — trouxe a questão racial para o centro da campanha à Prefeitura de São Paulo. Ontem, o Estado ouviu dois representantes do movimento negro — um pepebista e outro petista. O sociólogo José Roberto Degolação, ex-diretor da Casa de Cultura Afro-Brasileira e ligado ao comitê de Pitta, chamou a ex-prefeita de "racista". Flávio Jorge Rodrigues da Silva, secretário nacional de combate do racismo do PT, também considerou que Erundina foi infeliz.

Estado — A declaração de Luiza Erundina foi infeliz?

Degolação — Acho que ela mostrou seu lado racista. Tanto em relação aos brancos, como em relação aos negros. Tal depoimento prejudicou

o debate para o fato de Pitta ser ou não produto do marketing. De ser negro ou não. É inegável que ele é negro e é uma novidade na política. Assim como Erundina, como nordestina, também é uma novidade. A declaração foi, no mínimo, infeliz neste momento. Mas o projeto do PT está mais ligado à questão da comunidade negra.

Estado — Qual a diferença das propostas de Pitta e Erundina em relação aos negros?

Degolação — A direita percebeu o que a esquerda não percebeu. Isso vai ser fantástico para a discussão do racismo e para movimento negro. A esquerda vai perder o monopólio dessa discussão. Muitos amigos meus, petistas, andam se perguntando: "Como ela pode ter dito aquilo?"

Silva — Existe uma pseudo-elite negra que acredita na possibilidade de crescer socialmente dentro desse quadro de miséria em que está en-

siada e o desemprego. A realidade da população negra não é a que Pitta tenta passar.

Estado — O que levou a ex-prefeita a fazer esse comentário?

Degolação — Foi uma forma incorreta de conquistar o voto negro e também desespero diante da situação do PT nas pesquisas. Não havia outra forma de atacar um candidato que é calmo e cordial.

Silva — Acho que as campanhas eleitorais no Brasil estão cada vez mais despolitizadas. Os dois lados estão entrando num debate em que a política não aparece como deveria aparecer.

Estado — O que os senhores acham de o PT estar usando uma apresentadora negra em seus programas do horário eleitoral?

Degolação — É oportunismo puro. Tenta acompanhar o estilo de Pitta, que conseguiu mudar a história das eleições e ganhar as eleições com o

ALIADO DE PITTA VÊ "DESEPERO" NO ATAQUE

Não deixe de assinar

ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS

São Paulo diz não ao preconceito

A disputa da Prefeitura da Capital por um negro e uma nordestina mostra que o eleitorado da maior cidade do País evoluiu

JOÃO ANTONIO MARTINS E RAIMUNDO SILVA

Diário Popular,
10-11-96

São Paulo mudou — e para melhor. A cidade — conhecida no passado por chamar de “baianos” os migrantes nordestinos que ajudaram a construí-la e por olhar atravessado para os negros que “não sabiam o seu lugar” — escolheu seu próximo prefeito, na sexta-feira, entre dois representantes dessas minorias discriminadas — o carioca Celso Pitta, candidato do PPB

do prefeito Paulo Maluf, e a paraibana Luiza Erundina, do PT que, agora, diz “sim”. Para surpresa geral, o eleitorado da maior metrópole do País deixou o preconceito no fundo do baú e escolheu uma dupla de “estrangeiros”, sepultando nas urnas a candidatura de um paulistano da gema, o senador e ex-ministro José Serra.

“Nenhuma outra cidade teria me oferecido a oportunidade de ter sido prefeita uma vez e estar com chances de chegar lá novamente.”

Luiza Erundina

“Houve um avanço do eleitorado. Isso é muito bom”, diz o cientista político Bolívar Lamounier, do Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo (Iesp).

“É, sem dúvida, um avanço democrático nos dois sentidos”, concorda o colega Régis Andrade, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

A raça e a origem dos dois candidatos comprovam, na avaliação de Andrade, que a evolução do eleitorado paulistano de “conservador” para “heterogêneo e imprevisível” está consolidada. Isso, acrescenta ele, mesmo na hipótese de Erundina não surpreender novamente a cidade na sexta-feira, como em 88.

“Eleger o Pitta não é um ato conservador justamente pelo fato de ele ser negro”, avalia o cientista político.

Os dois candidatos concordam com os acadêmicos. Como Andrade, a petista vê no universo eleitoral paulistano heterogeneidade, e não conservadorismo:

“Nenhuma outra cidade teria me oferecido a oportunidade de ter sido prefeita uma vez e estar com chances de chegar lá novamente”, diz Erundina.

“Considero o eleitorado pau-

listano bem progressista, tanto é que recebi uma votação majoritária em 3 de outubro, destruindo mitos anteriores”, afirma Pitta.

O candidato do PPB considera ultrapassada a crença de que um negro carioca não teria chances para a Prefeitura em razão do preconceito de raça e da rivalidade Rio-São Paulo. A defesa vale para a adversária.

“Ela tem conhecimento de causa, porque já foi eleita uma vez aqui”, lembra o pepebista.

“Essa pluralidade, de nordestinos, negros, judeus, árabes, pobres e ricos, mostra o caráter democrático da cidade. Isso possibilita duas candidaturas com esses perfis, um negro e uma nordestina”, retribui Erundina.

Influência - O mesmo nível de concordância não existe, porém, quanto à identidade do eleitor com o candidato. Ou seja: se o negro que vota em Pitta o faz pela cor ou se o nordestino escolhe Erundina porque ela é paraibana. Na opinião de Bolívar Lamounier, a cor ou a raça do candidato em nada influenciam. Para ele, como para o candidato do PPB, o eleitorado da Capital optou por Pitta e Erundina pelo fato de pertencerem a partidos fortes e às suas propostas.

“Está demonstrado que a decisão do eleitor está se dando em torno de uma personalidade que

MAURO BRAGA

Tribuna da Imprensa,
7-11-96

Racismo na cabeça

Errou tremendamente a ex-prefeita Luiza Erundina ao acusar seu adversário Celso Pitta de ter comportamento de “branco safado”. O preconceito racial não faz distinção de raça ou de cor, ele tem conotações amplas e irrestritas. Quando um branco demonstra seu desprezo a um negro ou vice-versa, está externando um ódio histórico que, obviamente, hoje não pode mais ser tolerado. Erundina usando os adjetivos de branco safado em Pitta não está ofendendo os brancos e sim os negros representados pelo candidato do PPB à Prefeitura paulista. O erro torna-se mais grave ainda por ter sido cometido por uma candidata do PT, que prega a abolição dos preconceitos e faz da exploração dos negros bandeira de campanha. Ofendendo Pitta, Erundina ofendeu também uma das mais altas autoridades de seu partido, a senadora negra Benedita da Silva, que deveria se pronunciar sobre o episódio. A desculpa formal da candidata do PT não a exime de culpa, ao contrário coloca o erro em destaque, já que demonstra que, apesar de não ter havido uma vontade deliberada de ofender os negros, Erundina reconhece que subconscientemente continua com mentalidade próxima da Klu Klux Klan.

Continua na pág. seg.

RUY FABIANO

E-mail: ruy@tdata.com.br

Demagogia racial

Correio Braziliense,
6-11-96

A candidata do PT à Prefeitura de São Paulo, Luiza Erundina, incidiu distraidamente na prática de racismo, nos termos da Constituição (artigo 5º, incisos XLI e XLII). Ela acusou o candidato Celso Pitta (PPB) de ter “cabeça e comportamento de branco, branco safado”.

Racismo, como é óbvio, é qualquer ato discriminatório a qualquer raça — a branca incluída. Ao criticar seu adversário, a ex-prefeita faz supor que haja uma maneira de pensar típica dos negros, à qual o candidato, de cor negra, não estaria sendo fiel. Teria ota-

to é, supõe que, ao sublimar uma raça historicamente vítima de discriminações e privações — no caso, a negra —, estará ajudando a promover o seu resgate social e político, o que é no mínimo um equívoco. O nome disso é simplesmente demagogia.

Ela quer os votos dos eleitores negros, que são muitos. Como seu adversário é de cor negra, o meio que encontrou de desqualificá-lo perante aquele eleitorado foi produzindo argumentos de caráter racial. Na medida em que o candidato Celso Pitta é elogiado ou criticado por motivos étnicos — e não por seus méritos ou de-

Imagine-se, por exemplo, se algum candidato criticasse a ex-prefeita afirmando que, embora branca, tem “cabeça e comportamento de negra, de negra safada”, para ficar nos termos literais de sua acusação a Pitta. Sem qualquer dúvida, esse crítico, além de chocar a opinião pública, seria enquadrado em numerosas infrações legais. Por muito menos, o Tiririca entrou pelo cano. O racismo, diz a Constituição, é inafiançável e imprescritível.

É interessante notar que todo mundo faz questão de repetir que o Brasil é uma democracia racial, sem maiores conflitos e crises de

avaliado a partir de sua etnia (se milita ou não em sua causa) e José Serra não? Dizer que Pitta não é digno de sua raça e pensa como se fosse de outra, como o fez Erundina, é uma maneira de avaliá-lo pela óptica racial.

Ninguém é bom ou mau por ser branco, negro ou amarelo, o que é mais ou menos o óbvio ululante. Pitta, como qualquer outro, tem que ser avaliado por suas idéias, comportamento e eficiência administrativa — não por sua raça. Não faltam pistas a percorrer para aferir seus méritos (ou ausência deles), já que ocupou

Eventos Eventos Eventos Eventos Eventos

A partir deste número, **Questões de Raça** deixa de publicar esta seção, porque o Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) dispõe agora de um instrumento mais eficiente e ágil para divulgar os acontecimentos de seu interesse: **AFRONTÍCIAS**. Trata-se de um informativo interativo sobre relações raciais e cultura negra no Brasil. Ele se destina às pessoas e instituições interessadas em questões africanas e afro-brasileiras.

AFRONTÍCIAS é um informativo quinzenal, distribuído através do correio eletrônico, onde serão divulgados eventos, publicações, teses, pesquisas e iniciativas de ONGs, universidades e movimentos sociais ligados às questões afro.

AFRONTÍCIAS é totalmente gratuito: você não paga nada para recebê-lo, nem para divulgar suas atividades. E para ganhar uma assinatura de **AFRONTÍCIAS** é muito fácil: basta enviar sua mensagem para **majordomo@ax.apc.org**, escrevendo, na primeira linha do texto, o comando **subscribe afronticias-l** (seu e-mail).

Você pode enviar suas notícias pelo e-mail **afro@ax.apc.org**, por telefone, carta ou pessoalmente, que nós nos encarregamos de publicá-las no próximo informativo.

Divulgue **AFRONTÍCIAS** entre amigos, pesquisadores e outras instituições. O sucesso desta iniciativa depende do empenho de todos em fortalecer esta *afro-rede*.

Um negro eleito por conservadores

Jornal do Brasil,
17-11-96

■ Vitória de Pitta pelo PPB de Maluf assusta grupos afro-brasileiros

FABRÍCIO MARQUES

SÃO PAULO — O prefeito eleito de São Paulo, Celso Pitta, não é o primeiro negro a vencer uma eleição majoritária no Brasil. Albuino Azeredo e Alceu Collares, governadores do Espírito Santo e do Rio Grande do Sul no início da década, são exemplos recentes da ascensão de negros na política. Ainda assim, o fenômeno Pitta é um marco — e isso mesmo sem os votos da militância dos direitos do negro, que se perfila à esquerda e apoiou a petista Luiza Erundina. Pitta se elegeu com o voto malufista — um voto conservador, que envolve todas as classes, do lúmpen suburbano às senhoras dos Jardins, passando pelos motoristas de táxi. O tradicionalismo paulistano fez de um negro, pela primeira vez, o administrador do terceiro maior orçamento do país.

A novidade abalou algumas convicções daqueles que defendem os direitos do negro. Contra Pitta, os militantes enumeraram várias queixas, desde a falta de compromisso com a causa até o próprio perfil social do candidato, bastante próximo do estereótipo do branco: ele é um economista de classe média,

que estudou no exterior. Houve até quem criticasse o fato de Pitta ser casado com uma branca, a corretora de imóveis Nicéa, descendente de italianos. Mas essas críticas foram perdendo substância, à medida em que o pebequista subtra nas pesquisas. Hoje, o movimento negro já concorda que a eleição de Pitta é um fator positivo para a luta da etnia.

Imagem — "A imagem de Pitta terá um valor inestimável para a nossa população", diz Antônio Carlos Arruda, presidente do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, ligado ao governo do estado. "Ele é alto, bonito, um cara que deu certo. Venceu a eleição sem ser manchado por denúncias. Seu exemplo vai atingir em cheio a garotada negra, que está em busca de um modelo."

O jornalista e militante negro Carlos Alberto de Medeiros, do Instituto de Desenvolvimento dos Esportes (Indesp), braço-executivo do Ministério dos Esportes, aposta no impacto da eleição de Pitta. "Se tanta gente está votando num negro em São Paulo, é sinal, pelo menos, de que o preconceito está num patamar diferente daquele que se supunha", diz Medeiros, que compara a ascensão do pebequista à eleição dos primeiros prefeitos negros em grandes cidades americanas, como Nova Iorque, Washington e Los Angeles. "A eleição do Pitta é uma expressão de onde os negros querem chegar. Se ele e

hem-educado e bem-sucedido, isso não é ruim. Pode ser um bom espelho para os negros se mirarem."

Mesmo quem se opôs a candidatura de Pitta vê pontos positivos em sua eleição. "Se o prefeito Paulo Maluf resolveu lançar um negro como candidato, foi porque o debate da questão racial estava na rua, o que é um mérito do nosso movimento", diz Hilário Bispo, coordenador do Núcleo de Consciência Negra, de São Paulo. "No ano passado, comemoraram-se os 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares e o movimento negro conseguiu divulgar suas reivindicações e sensibilizar a opinião pública, como nunca havia acontecido antes", afirma. Mas Bispo, que votou em Luiza Erundina, vê a ascensão de Pitta com pouca simpatia. "As pessoas não estavam votando num negro, mas num homem da confiança de Paulo Maluf, cujo projeto político sempre discriminou os negros. Que mal poderia causar a figura do bom escravo ao regime escravocrata? É isso que a figura de Pitta evoca, sem assumir nenhum compromisso para compensar a estigmatização dos negros brasileiros."

'Falso exemplo' — A socióloga Gevanilda Gomes dos Santos, autora de uma tese sobre a participação política dos negros, admite que a eleição de Pitta "causa impacto", mas acha que seu efeito será limitado. "Ele e o negro

que deu certo por seu esforço individual e pode propagar o falso exemplo de que vivemos numa democracia, na qual a maioria dos negros é pobre porque não se esforçou para melhorar", diz ela.

O que o movimento negro tem dificuldade de digerir é a vinculação de Pitta com Paulo Maluf. Há 14 anos, quando era governador de São Paulo, Maluf criou uma série de Grupos de Assessoria Política — os GAPs —, com o objetivo de reunir ideias para sua primeira candidatura à presidência da República, em 1985. Um desses grupos produziu um documento preconceituoso, que, ao analisar os dados demográficos do Censo de 1980, observava que a população de negros e mulattos crescera muito desde 1970, enquanto a população branca deixava de ser maioria. Em linhas gerais, o documento alertava para o "risco do escurecimento" da população, associando-o a um potencial aumento da pobreza, e sugeria como solução medidas de controle demográfico. Maluf não teve participação na formulação do documento, mas ficou com a fama. O mundo, entretanto, deu muitas voltas e o atual prefeito paulistano não foi o único que mudou. Quem denunciou o "documento racista", na época, foi um deputado estadual do PMDB chamado Luis Carlos Santos. Hoje, ele é ministro da Articulação Política e apoiou inicialmente a candidatura de Pitta, no início do 2º turno.

Continuação da pág. anterior

São Paulo diz não ao preconceito

garanta uma boa administração", discursa Pitta.

Régis Andrade discorda. Para ele, o fato de Pitta ser negro pode fazer com que muitos eleitores votem nele por identificação. Luiza Erundina concorda e admite que seus conterrâneos têm um certo orgulho da origem.

"Tem gente que vota em mim porque sou nordestino. Em relação ao nordestino minha candidatura tem um apelo forte, assim como para o negro a candidatura do Pitta também tem", raciocina Erundina.

Barrados - Avanços à parte, os dois candidatos reconhecem a existência do preconceito na

gra, sofreu preconceito", conta Pitta. "Na seleção de pessoal em uma empresa, se pedem uma fotografia, você pode saber que há preconceito por trás."

"Me lembro de quando cheguei aqui e apresentava meu currículo, bastante extenso. A res-

"Na seleção de pessoal em uma empresa, se pedem uma fotografia, você pode saber que há preconceito por trás."

Celso Pitta

posta era que tinha muita experiência, mas não servia por ser do Nordeste", concorda Luiza Erundina. "Ainda recebo muito

Jesse Jackson espera que Pitta defenda os negros

Diário Popular,
22-11-96

O reverendo Jesse Jackson, considerado o mais importante líder negro americano da atualidade, disse ontem que a vitória de Celso Pitta (PPB) à Prefeitura de São Paulo constituiu-se num fato de grande importância para a comunidade negra do Brasil, que só tem vez nos esportes e na música. Segundo o ex-senador e ex-candidato à presidência dos Estados Unidos, Pitta, como negro, agora teria obrigação de se empenhar com vigor na defesa dos direitos dos negros e de entrar na luta contra a segregação racial e dis-

"A vitória de Pitta foi um passo enorme para mostrar que os negros brasileiros não se saem bem apenas nos esportes e na música, mas também podem brilhar na administração, diplomacia, finanças e negócios", disse Jackson, segundo quem o Brasil só atingirá seu status pleno quando as populações marginalizadas se desenvolverem.

Jackson, que na quarta-feira foi recebido pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso e pelo ministro da Justiça, Nelson Jobim, mostrou-se entusiasmado com as promessas de ajuda à luta da comunidade negra brasileira. Segundo ele, a sociedade brasileira tem obrigação de proteger as crianças, os pobres e os velhos e ainda de entender que promover a ascensão dos marginalizados sai mais barato que mantê-los na prisão.

Ontem de manhã, Jackson manteve contato com líderes da comunidade negra de São Paulo, seguindo depois

Pitta, Thomas e o voto negro

O Estado de Minas,
22-11-96

“... **VOTAR EM CANDIDATO negro porque é negro, ponto final, é ineficaz politicamente...**”

DIVA MOREIRA *

Há poucas semanas escrevi nesta seção um artigo sobre Celso Pitta. Em respeito aos leitores, farei uma reavaliação de questões ali apresentadas. Considerar a eleição de Celso Pitta um avanço do processo de ampliação da consciência racial é extremamente limitado. Pitta não tem em sua biografia nenhum dado que indique compromissos assumidos com a comunidade negra: nenhuma liderança em São Paulo pode avalizá-lo nesse aspecto. Assim, o voto negro a Pitta insere-se muito mais num contexto de psicologia de massa, de reversão simbólica dos estereótipos racistas secularmente transmitidos sobre a população negra. Este voto não se insere no contexto político, no sentido de que ele não foi o resultado de negociação

entre as partes interessadas durante ou mesmo antes da campanha eleitoral.

O voto a Pitta tem também outro aspecto psicológico: funcionou como uma catarse anti-Erundina e anti-PT. É preciso dizer que as lideranças reconhecem que ambos são inequivocamente mais comprometidos com a população pobre, nela incluindo a população negra. O ponto de desacordo não está aí, mas sim no atraso e na dificuldade do PT e das esquerdas, em geral, em reconhecerem o caráter racista da sociedade e do Estado. Pior ainda, da exclusão de negros do secretariado e dos escalões superiores de governo, à exceção, justiça seja feita, de Leonel Brizola. Este quadro levou as lideranças negras de São Paulo a apoiarem Pitta, numa espécie de vingança anti-esquerda e anti PT. Trata-se de opção no mínimo controvertida. Cor da pele e textura do cabelo são características raciais suficientes para elevar a auto-estima e a auto-identidade, não para a construção de acordos políticos. Votar em candidato negro porque é negro, ponto final, é ineficaz politicamente porque os ganhos para a comunidade negra podem ser iguais a zero.

Em São Paulo, qual seria a melhor opção? O voto em Erundina, cujo governo anterior concedeu prioridade a investimentos sociais, beneficiando no atacado brancos e negros pobres e cujo governo certamente começaria a voltar-se mais seriamente para políticas raciais ou o voto em Celso Pitta, negro e politicamente conservador? Parece-me tranqüila a opção: voto em Erundi-

na a partir de um acordo político onde entrassem questões como pesados investimentos sociais nas periferias, políticas raciais e a inclusão de negros no secretariado.

A situação tem semelhanças com o que está acontecendo nos Estados Unidos. Muitas lideranças negras ofereceram apoio a Clarence Thomas, quando Reagan nomeou-o juiz da Suprema Corte, com base na lealdade racial, apesar de seu conservadorismo. Hoje, muitas delas vêm a público para manifestar sua profunda indignação contra ele. Fala-se, inclusive, da necessidade de seus ex-aliados pedirem desculpas aos negros e à sociedade americana pelo erro cometido. E razões não faltam. Clarence Thomas só perde em reacionarismo para o juiz Antonin Scalia, o mais furioso dentre os conservadores.

Para concluir, devemos repensar nossas estratégias numa perspectiva de médio e longo prazo, evitando-se decisões imediatistas. A história é pródiga em exemplos de que alinhamentos automáticos baseados em lealdades nacionais, de classe, raça e de gênero podem redundar em grandes fracassos. Precisamos de lideranças negras, que combinem os compromissos no combate ao racismo à desigualdade de gênero e à injustiça social. Aí, então, criaremos as bases para eleger candidatos que façam avançar a nossa luta e que sejam motivo de orgulho para nós e para nossos aliados.

* *Clientista política, fundadora da Casa Dandara*

A inesperada cor negra da vitória

Ao vencer o pleito na maior cidade do país, Celso Pitta torna-se símbolo da classe média negra

Andréa Barros e Morris Kachani

Veja,
20-11-96

pulação elegeu um prefeito negro — e não se pode dizer que isso tenha sido apenas um detalhe na campanha. Como observa Milton Santos, geógrafo da Universidade de São Paulo, 70 anos, negro, casado com uma francesa branca, Pitta foi ficando mais preto a cada dia de campanha que passava. No começo, no próprio comitê do PPB circulava uma piada racista dizendo que Pitta era um candidato “dominó”, ou seja, “um preto com pinta de branco”. Duda Mendonça, o publicitário da campanha, explica: “Tentamos evitar que esse tema entrasse na disputa. Ele não estava concorrendo por ser um representante da raça, mas sim para ser prefeito de uma cidade”. Pitta mesmo chegou a dizer: “Não vote em mim porque sou negro e não deixe de votar em mim porque

O ministro Pelé ofereceu-se para declarar apoio. A oferta foi recusada — não se queria marcar a campanha de um negro pelo apoio de outro negro.

Contrariando a vontade do padrinho Paulo Maluf e do próprio Pitta, a questão racial foi adquirindo importância à medida que a campanha avançou. Nas carreatas, Pitta era saudado por várias crianças negras, emocionadas. Nas ruas, viam-se trabalhadores negros com o broche da campanha de Pitta na camisa ou com uma bandeirinha no carro, numa atitude de altivez e orgulho. Também se verificaram dois fenômenos curiosos. No primeiro turno, segundo uma pesquisa, Erundina teve o apoio de 32% dos eleitores negros da cidade. No segundo, manteve a mesma margem, com 33%. Já Pitta ficou com 33% do voto negro na primeira rodada, mas saltou para 54% na segunda. Ou seja: no segundo turno, Pitta recebeu todos os votos de negros não petistas. Não foi o voto negro que decidiu a eleição a favor de Pitta — mas esse apoio serviu para manter uma vantagem sempre folgada. O segundo fenômeno foi a reação de

ve Alceu Collares, governador do Rio Grande do Sul, e Albuino Azeredo, do Espírito Santo.

Em 1º de janeiro de 1997, o carioca Celso Pitta senta-se na cadeira de prefeito de São Paulo para comandar um dos cinco municípios

Continuação da página anterior

A inesperada cor negra da vitória

nesa — à pergunta de VEJA, na sexta-feira passada, sobre se o triunfo de Pitta poderia ser considerado uma vitória da comunidade negra. "Você é racista", atacou o prefeito, recusando-se a responder à pergunta e enfileirando em seguida uma série de impropérios. A reação atesta a dificuldade de Maluf em entender dados que não façam parte do seu limitado horizonte político.

Operação oportunista — O QG petista, capaz de diversos erros durante a disputa, conseguiu perceber a tempo o peso da questão racial. Tanto que, no segundo turno, escalou Lihane Santos, uma bela apresentadora negra, para comandar seu programa eleitoral de TV. Foi uma operação oportunista, pois não era difícil perceber o que se pretendia com isso. O grande desastre, no entanto, foi um discurso de Erundina em que, num jogo de palavras rasteiro, chamou Celso Pitta de "branco safado", numa clara referência à expressão preconceituosa "preto safado". Para o eleitor negro, foi como se, por ser um profissional bem-sucedido, Pitta devesse ter a pele clara — uma discriminação às avessas.

As lideranças negras, a maioria organizada em partidos de esquerda, ficaram perplexas. "O que eu lamento é que tenha sido o Paulo Maluf quem percebeu o peso da questão racial no Brasil. Através do Pitta, o malufismo adquiriu entre os negros uma imagem progressista", reconhece Edna Roland, coordenadora do Celedés, Instituto da Mulher Negra. "A candidatura do Pitta foi fundamental, porque nós precisamos de bons exemplos. Sua vitória é a coisa mais simbólica nos últimos tempos para a população negra", afirma Hélio Santos, do Núcleo de Estudos Interdisciplinares do Negro Brasileiro da USP. E de símbolos mesmo que se trata. Com sua carreira de executivo financeiro, Pitta serve como exemplo de uma fauna do Brasil que a maioria dos brancos não conhece e muitas vezes não vê, embora esteja bem à sua frente — um terço do que se chama de classe média é formado por pessoas de pele negra ou parda que frequentam shopping centers, compram roupas caras e têm diploma universitário. "O benefício da vitória eleitoral do Pitta se resume a uma melhora na auto-estima dos negros, que podem vê-lo como um exemplo de onde se pode chegar", explica o professor Milton Santos. "Isso pode causar a impressão de que qualquer negro tem a chance de conseguir o que o Pitta conseguiu, e aí não ajuda, até atrapalha." O prefeito eleito de São Paulo sabe que seu exemplo não serve para todo mundo. Tanto que, quando lhe perguntam, explica que é a favor do regime de cotas, aquele sistema, em vigor em determinados Estados americanos e em via de extinção em alguns países, pelo qual as empresas têm

experiência prática, não teve dificuldade para conseguir um mestrado na França e, embora no início o seu francês não fosse muito além de *bon jour* e *merci*, na volta abriu um consultório. Hoje, no Rio de Janeiro, pode olhar o mar do lado de dentro de um confortável condomínio na Barra da Tijuca.

Também bisneto de escravos, Carlos Brito, 36 anos, fala três línguas e leva uma vida confortável, em bons restaurantes, viagens ao exterior e consumo de primeira. Paga suas contas como gerente de importações de uma empresa ligada à Renault — em quatro anos, ele trouxe 30.000 carros ao país. Esses negros de classe média também são envolvidos por piadas racistas como o "candidato domo" dos caciques do PPB. Deusdeth conta que não foram poucos os clientes que, antes de procurá-lo, recebe-

ram o "conselho de que não deviam tratar-se comigo porque eu era negro". Governador no Rio Grande do Sul, Alceu Collares tinha o preconceito sempre presente: "Eu sabia que, em caso de uma falha, logo viria a sentença: 'Isso é coisa de negro'". Empresário de sucesso no show biz, que já investiu até em espetáculos de Roberto Carlos, o mineiro Carlos Alberto de Deus é viúvo de uma loira, com quem teve três filhos. Morando na Pampulha, bom bairro de Belo Horizonte, ele nota que nem tudo mudou. "Não adianta sair em coluna social nem ser famoso: as pessoas sempre olham de um jeito estranho", conta. Técnico em automação industrial, o paulistano César da Silva, 38 anos, chega a receber 6.000 reais por mês. Ele veste-se bem e gosta de levar a mulher e os dois filhos para passear no shopping. "Só não gosto quando sou confundido com um segurança de loja. Isso é preconceito", reclama.

Sempre foi assim, mesmo nas festas do Império. Conta-se que, certa vez, o engenheiro André Rebouças tirou uma dama para dançar. Num gesto mal-educado, ela recusou-lhe a mão. Numa reação destinada a colocar as coisas em seu devido lugar, o próprio Conde d'Eu ofereceu sua mulher, a princesa Isabel, para fazer par com o engenheiro negro.

Consumidores coloridos

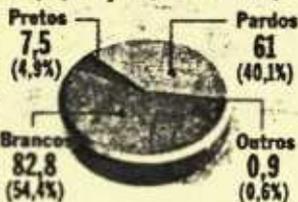
1 em cada três cidadãos de classe média é negro ou pardo — com renda familiar superior a 2.200 reais por mês

O grande funil é o ensino superior

Enquanto 13% da população branca tem curso superior, entre os negros esse índice cai para 4%. Na população parda, são 6%

A divisão das cores

Os brancos são a maioria, mas pretos e pardos representam quase metade da população (em milhões)



Fonte: PNAD/IBGE (1995) e DataFolha (1995)

o que fica delas como herança — pois em muitos casos acabou ocorrendo até um branqueamento dos descendentes. Neto de um imigrante português que se casou com uma negra livre no século XVIII, o engenheiro André Rebouças foi uma das grandes fortunas do Império. Construiu portos na Bahia, no Maranhão e na Paraíba, além do cais da alfândega, no Rio. Solteiro e monarquista, amigo de Pedro II, Rebouças não deixou filhos, apenas sobrinhos. Nunca mais, na história da família, houve outra pessoa que se casasse com um negro. Agora, na quarta geração, os Rebouças têm a pele bastante clara. "Uma vez, na escola, quando eu falei que era parente do André Rebouças, ouvi de um colega impressionado: 'Ué, mas ele não era negro?'", conta Ana Maria Rebouças, sobrinha-bisneta do engenheiro, orgulhosa, como diz, "do meu sangue negro".

"Isso é preconceito" — Muitos negros desfrutam uma boa situação porque suas famílias já possuíam um patrimônio razoável. Também existem aqueles que conseguiram ajeitar a vida a partir de um posto no serviço público — pois é possível argumentar um bom lugar no Estado a partir de um concurso público, em que a força do preconceito, quando existe, é sempre menor. Entre os bem-sucedidos, no entanto, existem bonitas histórias de sacrifício pessoal. Bisneto de escravo e filho de trabalhadores rurais da Bahia, o médico Deusdeth Gomes do Nascimento, 48 anos, é hoje um dos mais respeitados ortopedistas do país. Com muito esforço, chegou ao 2º ano de faculdade de medicina. Quando

Em busca do documento desaparecido

Uma operação realizada por Celso Pitta, ainda quando era secretário das Finanças de Paulo Maluf, causou certa sensação na reta final do primeiro turno. Divulgado dois dias antes da eleição, um documento assinado por Pitta mostrava que a prefeitura de São Paulo tinha comprado e vendido letras financeiras em condições desvantajosas para o Tesouro municipal. Dois ex-presidentes do Banco Central ouvidos por VEJA na época chegaram a dizer que a operação era "muito suspeita". Indagado sobre o assunto, o Banco Central confirmou que estava investigando as contas de Pitta, e mais não disse. Na época, o senador Eduardo Suplicy, do PT, fez com que o Senado enviasse um requerimento ao BC pedindo informações sobre as contas de Pitta. O banco tinha um prazo legal de trinta dias para responder. O prazo terminou na quarta-feira passada, dia 13 — quando faltavam 48 horas para o segundo turno.

Esperando o documento, Suplicy passou a quarta e a quinta-feira da semana passada correndo atrás da resposta do Banco Central. Em 48 horas, telefonou três vezes ao presidente Fernando Henrique, esteve duas vezes no Palácio do Planalto, uma no Alvorada, uma no BC e duas no Ministério da Fazenda. Em vão.

Cumprindo seu dever de responder a um pedido formal de Suplicy, o BC encaminhou os papéis ao primeiro-secretário do Senado, Odacir Soares, do PFL, na quarta-

dizer que não estava. Suplicy não acreditou e invadiu o gabinete de surpresa. Flagrado na mentira, Parente ficou lívido, mas recusou-se a fornecer uma cópia. O senador dirigiu-se à casa de Odacir Soares e ficou de campanha num terreno baldio para encontrá-lo a qualquer momento. Acabou desistindo, pois Soares estava em Rondônia.

Chás e Marx — No dia seguinte, Suplicy voltou à carga. Durante cinco horas e vinte minutos, presidiu uma sessão vazia do Senado como forma de exigir que o documento fosse encaminhado à Casa. Para preencher o tempo, a senadora Marina Silva falou até de chás amazônicos, e o senador Lauro Campos leu trechos de *O Capital*, de Marx. Da mesa do Senado, Suplicy ligou para metade da República. A única explicação que recebeu foi que o papel seguira para São Paulo de jatinho, onde Malan deveria assiná-lo. "O governo não divulgou o documento para beneficiar o candidato malufista", acusa o senador. Nos bastidores, o governo garante que não existe nenhum dado relevante nos papéis que pudesse abalar a eleição paulistana e, portanto, não haveria motivos para sonegá-los. A notícia da investigação sobre a operação vazou quando deveria ser tratada sigilosamente. Tratava-se de um procedimento interno do BC. O documento encaminhado a Soares, no entanto, era para ser tornado público na data marcada. Não foi.



Entrevista

Celso Pitta

O primeiro prefeito negro de São Paulo, eleito com 60% dos votos válidos, avisa: "Todos os negros poderão se sentir orgulhosos de ter um irmão fazendo um bom trabalho"

Raça Brasil,
março de 1997

POR MARCELO MENDONÇA
FOTOS PAULO FREEMAN

O primeiro negro eleito prefeito na maior cidade do país, filho de pai branco e mãe negra, garante que não se sente negro ou branco: "Eu me sinto Celso. Não tenho nenhum feeling interiorizado do tipo de raça a que eu pertença". Aos 50 anos, Celso Roberto Pitta do Nascimento diz que chegou ao comando da Prefeitura de São Paulo sem nenhuma marca da discriminação que sofreu ao longo de sua vida.

"Não carregue nenhuma mágoa", diz Pitta, que foi motivo de chacota dos colegas no colégio onde estudou, no Rio — "mais no sentido humorístico", explica o prefeito —, e levou uma "gelada" de estudantes brancos num refeitório da Universidade de Harvard, nos EUA. Para ele, determinação e personalidade são as armas para enfrentar o preconceito.

Com cerca de 60% dos votos válidos, Pitta foi eleito no segundo turno enfrentando acusações da adversária, Luíza Erundina (PT), de que ele não representava a luta da comunidade negra. "Para eles, eu só seria representativo se tivesse militado no movimento negro", queixa-se o prefeito, para quem seu desempenho e dignidade nos cargos que ocupou foi uma valorização da raça negra.

Casado com Nicéa, branca, ele disse que foi alvo de uma "redobrada atenção" da família dela quando começaram a namorar, coisas do tipo "de onde ele tira dinheiro para andar de carro?" Depois dessa fase, Pitta diz que foi recebido de braços abertos na família. Seus filhos, Roberta e Victor, se assumem como negros, diz o prefeito, ressaltando que "eles já são mais claros do que eu, minha filha buxa mais a mim

de Paulo Maluf. Mas reafirma que foi eleito para dar continuidade à administração de seu padrinho político.

O carioca Pitta diz aos negros de São Paulo: "Todos poderão se sentir orgulhosos de ter um irmão fazendo um bom trabalho na maior cidade do país". Ele se diz simpático à criação de um sistema de cotas nas universidades, não especificamente para os negros, mas para ampliar o acesso da comunidade carente ao ensino superior.

O prefeito recebeu RAÇA BRASIL para esta entrevista em seu gabinete, no Palácio das Indústrias.

RAÇA BRASIL — O senhor em algum momento imaginou ocupar um cargo dessa magnitude?

CELSO PITTA — Não, sinceramente não, eu vim a considerar isso quando fui, há cerca de um ano e meio, cogitado como pré-candidato do partido à sucessão de Maluf.

RAÇA — Prefeito, fale um pouco sobre sua família, suas origens.

PITTA — Eu sou negro por parte da família da minha mãe, a família Rocha Pitta, da Bahia. É uma família tradicional, descendente do historiador Sebastião da Rocha Pitta. A família do meu pai é branca, de Alagoas, descendentes de portugueses. No Rio, ele conheceu minha mãe. Formada em Filosofia e Pedagogia, hoje ela é professora aposentada, com 76 anos, e foi também funcionária de carreira do IBGE, como cartógrafa. Eu tive uma boa condição de estudo, que uma família de classe média pode proporcionar a seus filhos. Estudei em bons colégios. Fiz o primário e o ginásio no Colégio Santo Antonio Maria de Zacarias, dos padres barabitas. Acredito que, naquela

Pelos colegas, houve algumas manifestações de racismo, mais no sentido jocoso do que de inimizade. Sendo uma pessoa de aparência diferente das demais, eu era muito olhado e criticado, mas mais no sentido humorístico. Depois ainda cursei o 1º ano Científico no Colégio Franco Brasileiro. Foi em 1962, ano em que meu pai faleceu, que me transferei para uma escola pública, a Dom Pedro II, por medida de economia. Fiz então o vestibular para Economia nas duas melhores faculdades, a Federal do Rio de Janeiro e a Universidade do Estado da Guanabara, passei nas duas e optei por ficar na Federal. Em 1969 fiz um curso de pós-graduação no Ministério do Planejamento, e, depois, fui para a Inglaterra fazer mestrado em Economia dos Transportes. Morar e estudar numa universidade estrangeira, em Leeds, também foi uma experiência rica para sentir se a questão do racismo estava mais presente lá. E a resposta é não. Além do racismo estar sob crítica na política inglesa, eu era do Brasil, que tinha uma imagem positiva.

RAÇA — Tinha vencido a Copa do Mundo...

PITTA — É, a Copa me trouxe uma credencial muito importante. Sendo brasileiro, negro, com sobrenome Nascimento, fui logo associado à figura do Pelé, e não houve meio de convencer a estudantada que eu não era parente dele (risos). Não foi difícil para eles espalharem um boato na universidade de que eu era irmão do Pelé e que iria integrar o time de futebol da universidade. Então, você vê a encrenca...

RAÇA — E o senhor joga futebol?

PITTA — Jogo mal, sou aquele cara que afunda o time. Joguei uma ou duas partidas, descobriram logo que eu não era irmão do Pelé e me deixaram em paz. Foi uma maneira muito amistosa de me dar boas-vindas lá na Universidade de Leeds e o convívio também foi destituído de qualquer sentimento racial. Anos depois, fui estudar em Boston. Fiz um curso de administração avançada na Harvard Business School. Havia avisos da prefeitura no metrô recomendando que aqueles que sofressem qualquer tipo de discriminação procurassem seus serviços. Aquilo me impressionou muito, comecei a ficar atento a essas manifestações de racismo nos EUA. No refeitório, uma vez sentei numa mesa de estudantes sulistas brancos. E aí eu senti que não fiz sucesso, não tive "ibope" que caracterizasse a minha candidatura para a prefeitura local (risos). Até abreviei a refeição e senti que não estava na minha turma.

RAÇA — Dizem que o negro no Brasil tem que estudar duas vezes mais, trabalhar duas vezes mais que o branco para ser respeitado. O senhor sentiu isso?

PITTA — Sempre me alertaram em casa para o fato de ter que me empenhar bastante nos estudos e no trabalho, dada a condição de negro

ca — para ter sua condição de sucesso profissional garantida. Foi isso o que eu fiz.

RAÇA — O senhor teve bolsa de estudos para fazer estes cursos no exterior?

PITTA — O curso na Inglaterra foi feito com recursos próprios e com uma licença de trabalho remunerada que recebi do Ministério do Planejamento, onde trabalhava. Foi uma seleção rigorosa, com um número grande de candidatos. Era uma oportunidade imperdível e isso sensibilizou muito o então ministro, João Paulo dos Reis Velloso. Em Harvard fui igualmente patrocinado, não pelo governo, mas pela empresa em que trabalhava, era diretor do Estaleiro Mauá. O então presidente, Paulo Ferraz, viu em mim um potencial muito grande e gastou 100.000 dólares me mandando estudar lá. Evidentemente eu tenho uma gratidão muito grande por essas pessoas que ao longo da vida me auxiliaram a ter essa formação.

RAÇA — Como foi sua trajetória profissional? Houve algum momento de discriminação por ser um negro?

PITTA — Logo que entrei na faculdade deixei um cargo de estagiário do IBGE, e fui para o Ministério do Planejamento como auxiliar administrativo. Na época, 1965, o ministro era o Roberto Campos. Eu andava à cata de números, de relatórios e fazia contas para compor o que era o primeiro plano de ação governamental do governo militar de Castello Branco. Fiquei nessa função até me formar, em 1968, quando fui transferido para o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Ali não houve nenhuma manifestação de racismo. Também no Ministério do Planejamento, não senti em nenhum momento qualquer manifestação explícita de racismo.

RAÇA — Como o senhor explica essa "ausência de racismo" na sua história particular?

PITTA — Determinação e personalidade prevalecem sobre qualquer situação discriminatória. Um dos principais problemas que as pessoas já colocam em relação ao racismo no Brasil é uma certa subserviência ou aceitação do fato por parte da comunidade negra. Isso não pode ser aceito. Talvez eu tenha ficado imune ou pelo menos me sentido imune, ou talvez nem imune eu tenha na ficado. Mas não carregue comigo nenhuma mágoa, não fiquei marcado.

RAÇA — Existem pessoas que conseguem controlar o seu racismo até o limite da filha do vizinho — a coisa pega mesmo quando a própria filha, branca, começa a namorar um negro. Como foi

Continuação da página anterior. Entrevista

Celso Pitta

PITTA — Sou casado com uma branca filha de italianos. No começo do namoro houve atenção redobrada, do tipo "o que esse rapaz faz, de onde ele tira dinheiro para andar de carro?" Acredito que um namorado branco não seria objeto de tanta especulação. Passada essa fase, a família dela me recebeu e me recebe de braços abertos.

RAÇA — Como é que vocês educam seus filhos sobre a questão racial, eles que são frutos de um casamento interracial?

PITTA — Nunca colocamos para eles questões do tipo "você não é branco, você não é branca". A orientação que nós damos é que sejam bons naquilo que decidam fazer, independentemente da raça. O que, aliás, é uma lição válida para qualquer pessoa.

RAÇA — Eles se assumem como negros?

PITTA — Ah, sim. Se bem que esse conceito de negritude... eles já são mais claros do que eu, minha filha puxa mais a mim que meu filho, que é confundido com um branco qualquer.

RAÇA — Como o senhor se situa diante da miscigenação, que é um dos pontos cruciais na questão da identidade negra?

PITTA — Se a pergunta é "você se sente negro ou branco?", a resposta é "eu me sinto Celso". Eu sou Celso, eu sou isso, eu não tenho nenhum feeling interiorizado do tipo de raça a que pertença.

RAÇA — Não existe uma grande armadilha quando se exige muita eficiência do negro e ele atinge determinado patamar, e surge a acusação de "embranquecimento", de que ele estaria com hábitos "de branco"?

PITTA — Na campanha à prefeitura, recebi toda sorte de apelidos, até mesmo da própria adversária, que falou que eu não tinha assumido a minha negritude sem mesmo dizer o que era assumir a negritude. Ela e outros do seu partido, até o movimento negro do PT, falavam

nidade os cargos que me foram confiados, tanto na iniciativa privada como no setor público, prestigiei e divulguei a raça negra. De qualquer maneira, o que fala mais alto é a decisão do eleitorado. O fato é que a sociedade paulistana mostrou não ser discriminatória na escolha do seu governante. O sentido de avanço demonstrado nessa eleição foi muito sério e talvez não tenha sido aproveitado como matéria de grande interesse, até mesmo pela mídia. Mas São Paulo, com a minha eleição, se coloca no patamar das cidades grandes, desenvolvidas e civilizadas. Atlanta, São Francisco, Washington, Detroit e Nova York já tiveram um prefeito negro.

RAÇA — O que os negros de São Paulo podem esperar do prefeito?

PITTA — Uma boa administração, um bom trabalho, que eu faça o que já fiz nas outras funções que ocupei anteriormente, que dê dignidade a nossa raça. Na medida em que eu seja uma pessoa bem-sucedida nesse cargo, estarei valorizando a raça negra — todos os negros poderão se sentir orgulhosos de ter um irmão fazendo um bom trabalho na maior cidade do país. Essa parece ser a melhor contribuição que eu posso dar à comunidade. Defendo algumas políticas públicas de valorização da comunidade negra que vou fazer prevalecer como prefeito da cidade de São Paulo. Fiz e faço parte — só que não tenho frequentado mais as reuniões por falta de tempo — de um grupo de trabalho da Universidade de São Paulo (USP) encarregado da reformulação e proposição de novas políticas públicas para valorização da comunidade negra.

RAÇA — O senhor pretende propor legislação semelhante à existente nos EUA, como um sistema de cotas para negros em escolas e locais de trabalho?

PITTA — Eu recomendei nesse grupo de trabalho que essa idéia fosse desenvolvida e aprofundada. Isso também está sendo estudado

em cotas, não especificamente para raça negra, mas para a comunidade carente, que não teve a mesma condição de formação que os demais pretendentes a cargos universitários. Uma outra recomendação é a da reforma do ensino, principalmente do primeiro grau. Os livros didáticos omitem, muitas vezes, no que diz respeito à história do Brasil, o fato de muitos personagens serem negros. O engenheiro Rebouças, por exemplo, é constantemente citado, e ele já "embranqueceu" ao longo dos últimos anos de história...

RAÇA — Os críticos dessa idéia dizem que a partir de uma revisão poderia surgir uma história do "politicamente correto", criando distorções semelhantes às que ocorrem hoje nos EUA. O senhor concorda com isso?

PITTA — Não, porque se observa em nossa sociedade um amadurecimento político muito grande. Uma proteção contra o estereótipo do politicamente correto. Tanto é que a minha opositora no segundo turno das eleições tentou fazer uso disso,

ção do Paulo Maluf, e vou dar continuidade. Fui eleito para dar continuidade a uma bem-sucedida administração pública. Essa é a mensagem do eleitor, e não há nada de errado nisso. Não tenho a menor preocupação de me contrapor ao Maluf para afirmar um estilo de governo, uma personalidade. O que a população espera é que eu faça o dever de casa, fazendo com que a cidade não sofra nenhuma descontinuidade administrativa, é isso o que esperam de mim.

RAÇA — O Maluf é uma velha raposa política, com experiência, enquanto o senhor está chegando agora, é um técnico...

PITTA — Uma lebre nova... (risos)

RAÇA — ...uma lebre nova. O desentendimento com a bancada do seu partido na Câmara já prenuncia algumas dificuldades que o senhor terá no trato da "pequena política", aquela da negociação de um cargo ali, um voto acolá. Quanto tempo vai demorar para o senhor cair nessa política de barganhas?

PITTA — Eu acredito que atingir

"Se a pergunta é 'você se sente negro ou branco?', a resposta é 'eu me sinto Celso'. Eu sou Celso, eu sou isso, eu não tenho nenhum feeling interiorizado do tipo de raça a que eu pertença"

colocando uma apresentadora negra, e mais essas mensagens do tipo "ele não é um negro assumido", e não restou absolutamente nada.

RAÇA — O senhor diz que sua eleição indica um "progresso da sociedade", ou a "modernização do eleitorado", mas não tem mais a ver com o fato de o senhor ser uma continuação da administração de Paulo Maluf? O próprio Duda Mendonça disse que a imagem que ele queria passar na sua campanha era a de "um pau-mandado" de Maluf?

PITTA — É uma afirmação extrema do Duda. A grande verdade é que fui eleito porque a administração do Maluf foi muito bem-sucedida. Só o fato de São Paulo ter quebrado o tabu de que o prefeito anterior nunca fazia seu sucessor, já é de grande relevância. Some-se o fato de eu ser negro, o que também é um deferencial. Agora, não abro mão do meu compromisso, que não é um compromisso com o Maluf e sim com a população. Eu fiz seis meses de campanha dizendo que vou dar continuidade à administra-

um objetivo ambicioso como é o meu — tanto a melhoria da eficiência das administrações regionais, que é o motivo do descontentamento inicial da vereança, como a reorganização dos ambulantes na cidade — apresenta um certo grau de dificuldade e não vai ser conseguido de pronto. É como na navegação: se você tem aquele objetivo, se o vento for contrário você vai ter que fazer determinados contornos, mas sem perder de vista aquilo que você quer de fato atingir.

RAÇA — Com qual desses líderes negros o senhor se identifica mais: Martin Luther King, Jesse Jackson, Louis Farrakhan ou Malcolm X?

PITTA — Você esqueceu o Mandela, por quem eu tenho uma especial admiração. De Luther King eu tenho em casa a gravação do principal discurso dele ("I have a dream..."); do Malcolm X eu tenho a declaração dele do "black power". Eu ficaria dentro de uma linha de pensamento próxima a de Luther King, que é a da ponderação e do equilíbrio. ➤

Não deixe de assinar

AFRONOTÍCIA

Receita prepara a autuação de Pitta por sonegação fiscal

■ Fiscais concluem que prefeito de São Paulo omitiu rendimentos nos últimos cinco anos

Jornal do Brasil,
11-4-97

CRISTIANO ROMERO*

(*) Colaboraram: Fabricio Marques e Carmen Kozak

BRASÍLIA — A Receita Federal vai autuar, nos próximos dias, o prefeito de São Paulo, Celso Pitta (PPB), por sonegação fiscal. Depois de vasculhar as declarações de Imposto de Renda e a movimentação bancária de Celso Pitta nos últimos cinco anos, os fiscais da Receita não encontraram explicação para o aparecimento de cerca de R\$ 200 mil nas contas do prefeito. A multa, segundo técnicos que estão participando da CPI dos Precatórios, deverá ficar acima de R\$ 200 mil.

De acordo com a legislação vigente, Celso Pitta teria omitido rendimento apurado nos últimos cinco anos. Ontem, os fiscais estavam concluindo o auto de infração, que deverá ser lançado na próxima semana.

Durante as investigações, o prefeito colaborou com o traba-

lho dos auditores fornecendo todos os documentos e informações solicitados. Nas explicações que deu à Receita Federal, Celso Pitta alegou que sua renda cresceu nos últimos anos devido às atividades comerciais de sua mulher, a primeira-dama Nicéa Pitta. Ela é representante comercial da granja D'Oro e vende frangos para restaurantes chiques de São Paulo.

Celso Pitta será o primeiro político, acusado pela CPI dos Precatórios de envolvimento no escândalo dos títulos públicos, a ser multado pela Receita Federal, que abriu investigação sobre o prefeito a pedido do Ministério Público em São Paulo. O nome do procurador da República encarregado do caso é Coriolano Góes.

Até o momento, apenas o ex-coordenador da dívida pública da Prefeitura de São Paulo Wagner Batista Ramos havia sido autuado — em R\$ 964 mil — pela Receita Federal. Acusado de ser o cérebro das operações de emissão de títulos para pagamento de precatórios, Wagner Ramos foi assessor direto de Celso Pitta quan-

do este comandava a Secretaria de Finanças do município na gestão Paulo Maluf (1993-1996).

Patrimônio — Durante a campanha eleitoral do ano passado, Celso Pitta teve de enviar à Justiça Eleitoral uma cópia de sua declaração de Imposto de Renda de 1995. Nela, ele informava que é dono desde 1988 do apartamento de quatro quartos em que mora em São Paulo. O apartamento foi avaliado em R\$ 470 mil. Quem já visitou o apartamento diz que é decorado com obras de arte de valor.

Celso Pitta tem outro apartamento no Rio de Janeiro, avaliado em R\$ 133 mil. Também possui quatro automóveis em seu nome. Três são carros de pouco valor: um Escort 1986, um Gol 1992 e um Corsa 1995. O carro usado

pelo prefeito é que se destaca. Em 1995, ele trocou um Tempra 1992 por um Alfa Romeo 164-Super, financiado em 24 vezes pelo Banco Fiat.

A família do prefeito paulistano vive nos Jardins, um bairro de

classe média alta, e frequenta restaurantes de bom nome da vizinhança. A primeira-dama de São Paulo sempre é vista no *La Belle*, um salão de beleza sofisticado, perto de casa.

Numa entrevista em maio de 1995, Celso Pitta explicou o paradoxo entre seu padrão de vida e os salários que recebia (R\$ 3,5 mil) como secretário de Finanças e o que ganha agora (R\$ 6 mil) como prefeito: "É que eu vivo de renda", disse, referindo-se a uma indenização que recebeu da Eucatex, quando deixou a empresa.

O problema é que sua declaração de Imposto de Renda, justamente sobre o ano de 1995, não apresenta nenhum vestígio de tal indenização. Recentemente, Pitta explicou que havia gastado todo o dinheiro em 1995 para manter o padrão de vida da família.

O prefeito paulistano teve um pequeno aumento de patrimônio entre os anos de 1994 e 1996. A soma do valor de seus bens e contas bancárias subiu de R\$ 650.535,63 para R\$ 678.793,86.

Prefeito reage com indignação

■ Acusado se diz alvo de perseguição política e racismo

BRASÍLIA — O prefeito de São Paulo, Celso Pitta, reagiu com indignação à informação de que será autuado em R\$ 200 mil pela Receita Federal, na semana que vem. "A Receita está de fato fazendo uma investigação no meu Imposto de Renda, mas acho um absurdo, mais uma prova de que estou sendo vítima de perseguição política, a imprensa saber antes de meus advogados o valor da multa que será aplicada", afirmou Pitta.

Celso Pitta disse que não pretende recorrer ao Supremo Tribunal Federal para tentar impedir que a CPI dos Precatórios quebre seu sigilo fiscal, telefônico e bancário. "Ah, agora é que não vou

recorrer mesmo! Quero é que essa CPI e toda essa devassa que estão fazendo acabem me dando um atestado de idoneidade", desafiou.

Segundo o prefeito, os fiscais da Receita Federal que estão analisando suas declarações de renda dos últimos cinco anos apuraram uma diferença de lançamento. "Não são irregularidades, são erros comuns e o meu tributarista pode explicar tudo", afirmou. Pitta disse que "algumas despesas" foram glosadas e "uns rendimentos" foram tributados novamente.

Pitta está convencido de que existe um complot para derrubá-lo e se disse alvo de "perseguição racial". As declarações foram feitas em São Paulo, num ato público que reuniu cerca de mil pessoas em frente à prefeitura. Convocada por uma certa Frente Afro-Brasileira contra a Discriminação, a

manifestação foi resposta a uma outra manifestação, que reuniu 1.500 pessoas na Câmara Municipal da cidade, pedindo a renúncia do prefeito.

Discriminação — "Não aceitamos, até agora, o surgimento da minha pessoa como uma nova figura no cenário político brasileiro e, além disso, por ser da comunidade negra, reaviva aquele sentimento que é escamoteado, que é a discriminação neste país", disse Pitta.

"Nunca, na história recente deste país, se viu uma perseguição igual a que estão fazendo contra mim, nem na época do regime militar", continuou. "Eu represento uma séria ameaça aos adversários políticos. Devo estar representando um sério obstáculo aos meus adversários".

Ontem de manhã, Celso Pitta reuniu o secretariado para fazer um balanço dos 100 primeiros

dias de governo. O prefeito tentou provar que sua administração não foi paralisada pelas denúncias da CPI dos Precatórios. Disse que tapou mil buracos de rua por dia e conseguiu entregar 1.016 apartamentos a ex-favelados. "Essa questão da CPI exigiu de mim um esforço maior, mais horas de trabalho, mas a concentração de esforços foi aqui na Prefeitura", disse. "Foram 100 dias espetaculares a nível de experiência que eu adquiri. Representariam talvez 10 anos de vida política de qualquer outro político."

O prefeito reconheceu, entretanto, que não tem dinheiro para fazer obras no mesmo ritmo do ano passado. "Não paramos. O ritmo foi adequado às disponibilidades financeiras", afirmou. Pitta elogiou a prorrogação dos trabalhos da CPI por 45 dias. "É bônus de que vão de fato chegar a uma conclusão", disse.

Convenção do PPB vira ato de desagravo a Maluf

Partido diz que CPI dos Precatórios ataca Pitta para atingir a candidatura do ex-prefeito à Presidência da República em 98

O Globo,
14-4-97

Luiz Augusto Michelazzo

• SÃO PAULO. Em clima de desagravo a Paulo Maluf e ao prefeito Celso Pitta, o PPB fez ontem, na Câmara Municipal, a convenção estadual que homologou o nome do ex-deputado Marcelino Romano Machado como presidente regional do partido e o dos 140 integrantes do diretório regional. O Salão Nobre da Câmara estava enfeitado com bolas vermelhas e azuis e cercado de faixas com a inscrição "Os cães ladram e a caravana passa com Pitta e Maluf".

Num discurso com apelos místicos, em que ressaltou "a necessidade do respeito à cristandade", Maluf chegou a chorar ao afirmar que "política se faz com amor".

— Somos todos passageiros nesse mundo — disse Maluf, en-

xugando uma lágrima e sendo demoradamente aplaudido por cerca de cinco mil pessoas.

Maluf compara sua vida política com montanha russa

Maluf comparou sua vida política a uma montanha russa — ora de umas vezes esteve por cima e outras, por baixo. Ele evitou a imprensa ao chegar à Câmara e saiu sem dar entrevistas. No discurso, afirmou que sua administração foi a mais honesta que São Paulo já conheceu. Relembrando o convite que fez a Pitta para sucedê-lo, Maluf disse que não discriminava ninguém e que o escolhido, apesar de ter nascido no Rio, era paulista de coração.

— Trouxe para São Paulo um irmão afro, um homem de cor — disse Maluf, deixando Pitta constrangido por ter usado expressão considerada incorreta pelos movimentos de negros, que preferem o termo negro em vez dos qualificativos de cor ou preto,

considerados preconceituosos.

Maluf enalteceu a fidelidade de Pitta, lembrando que o conhece há 11 anos. Para o ex-prefeito, as críticas que recebe vêm dos que têm medo da sua força política.

— Uns sabem fazer política, outros não! — exclamou.

Ex-prefeito diz que está sendo vítima de campanha

Interpelado quando deixava o Salão Nobre, espremido entre convencionais e jornalistas, Maluf reclamou de que estaria sendo vítima de uma campanha. Sobre a CPI dos Precatórios, disse achar importante que os homens públicos tenham a vida fiscalizada.

— Mas tenho consciência de que Pitta é um homem de bem, de que é um homem honrado. Tenho consciência de que está tudo em ordem e de que ele é um homem honrado — repetiu Maluf, que preferiu virar o rosto e evitar responder se considerava correto um homem público aceitar corte-

slas, como o aluguel do carro usado pela mulher de Pitta, Nicéa, pago pelo Banco Vector.

Ele também não respondeu se admitia que a Secretaria da Receita Municipal, quando era prefeito, havia emitido mais títulos públicos que o necessário para pagar os precatórios.

No tumulto que se seguiu, Maluf e Pitta escaparam da imprensa pelo elevador privativo dos vereadores. Na rua, ao passar em frente ao carro de som da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde, contratada para animar a convenção, Maluf foi aplaudido ao ensaiar desajeitados passos de samba, antes de entrar no seu Ômega. Pitta, que parecia constrangido, sequer sorriu, enfiando-se no carro antes do padrinho político.

Para o senador Epitácio Cafe-

Continua na pág. seg.

PT explora desgaste com CPI dos Precatórios

Partido já pensa no Governo, porque Covas foi afetado também, pelo caso dos PMs

• SÃO PAULO. Os dissabores enfrentados pelo ex-prefeito Paulo Maluf, arranhado pela CPI dos Precatórios que envolve seu afilhado, o prefeito Celso Pitta, estão sendo comemorados por seus opositores, principalmente o PT, de olho nas eleições do ano que vem. Ele chegou a ser bombardeado pelo PT no horário gratuito no rádio e na televisão na semana passada, numa campanha suspensa pela Justiça Eleitoral a pedido do PPB.

— O desgaste de Maluf com a CPI e do governador Mário Covas com a crise da PM abre uma grande perspectiva para o PT conquistar o poder estadual no ano que vem — disse o deputado José Genoino (PT-SP). — Mas esse é o quadro hoje. Em política isso muda muito rapidamente. Em dezembro, Maluf era candidato imbatível

para governador. Em janeiro, com a CPI dos Precatórios, saiu chamuscado e Covas surgiu como imbatível. Hoje, com o episódio da PM em Diadema, Covas foi prejudicado.

Por isso, o alvo principal dos anúncios do PT no rádio e na televisão tem sido Maluf, que chegou a ser o político paulista com maior força eleitoral ao eleger um desconhecido como prefeito. O PT usa a CPI dos Precatórios para dizer que o malufismo só se envolve em escândalos. Chega a usar uma frase do ex-prefeito durante a campanha eleitoral no ano passado para pedir votos para Pitta.

"Votem no Pitta. Se ele não for um bom prefeito, vocês não precisam mais votar em mim. E olha que serei candidato a presidente da República ou a governador".

Pitta vê discriminação racial

Diário Popular,
11-4-97

O prefeito Celso Pitta admitiu depois de participar de ato em frente ao Palácio das Indústrias, promovido por entidades do movimento negro e vereadores com mais de mil pessoas, que a discriminação racial é um componente da perseguição que diz estar sofrendo com a CPI dos Títulos Públicos. Embora alegando que a motivação principal de seus adversários é de ordem política, disse que, além disso, há a discriminação racial. "Por ser da comunidade negra, reaviva aquele sentimento que é esquecido, que é a questão racial neste País", afirmou Pitta, que lembrou ainda as declarações do cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, levantando a questão.

"Quem fez essa afirmação foi uma

sibilizado e afirmou que vai continuar na Prefeitura por causa da vontade do povo, que estaria manifestada no evento. Pitta fez um agradecimento especial aos amigos das escolas de samba que faziam parte da organização, como Rosas de Ouro, Leandro de Itaquera e Nenê de Vila Matilde.

Um dos mestres da bateria da Rosas, José Roberto dos Santos, não sabia o porquê da festa. "Recebi um comunicado da direção da escola para trazer a rapaziada para cá", contou ele. A Frente Afro-Brasileira contra a Discriminação reuniu 26 entidades para o evento, inclusive as escolas de samba. A infra-estrutura do ato ficou a cargo dos vereadores. O carro de som e os ônibus com pessoal fretados por Armando Mellão

Petista manda queimar faixas

Diário Popular,
11-4-97

Manifestantes do PT arrancaram e queimaram as faixas da União das Escolas de Samba Paulistanas (Uesp) de apoio ao prefeito Celso Pitta, em frente à sede da Prefeitura, no fim da tarde de ontem. A ordem foi dada pelo presidente municipal do partido, Jilmar Tatto, no fim da caminhada de protesto contra o pebeista. A passeata reuniu sindicatos e diversas entidades. Eles saíram da Câmara depois do ato de apoio à CPI dos Títulos Públicos no Senado e a favor de uma investigação na esfera municipal. A manifestação foi acompanhada por um forte esquema de segurança da Guarda Civil Metropolitana, que só observaram o ato. "Queimar é pouco quando se divulga pouca vergonha, mentira e safadeza", criticou Tatto.

No discurso que fez aos manifestan-

pediram o apoio da população e improvisaram slogans contra Pitta e o ex-prefeito Paulo Maluf. Um dos mais citados foi "Um dois três, Pitta no xadrez".

O protesto foi planejado pelo Fórum de Entidades da Defesa da Cidade, uma organização idealizada pelo PT para forçar a pressão popular contra Pitta e os vereadores que são contra a criação de uma CPI dos Títulos Públicos na Câmara Municipal. Participam do fórum partidos PT, PSB e PC do B. O presidente nacional do PT, José Dirceu acusou Maluf de desviar dinheiro público para a campanha de Pitta. "O prefeito Paulo Maluf assaltou os cofres públicos para ganhar a eleição", afirmou.

O representante do cardeal-arcebispo

Racismo atinge Roberto Carlos

O Globo,
12-4-97

Carro do lateral-esquerdo é rabiscado com a palavra macaco em Madri

Andrea Dotti

Correspondente • MADRI

Macaco. Essa foi a palavra que o brasileiro Roberto Carlos, do Real Madri, encontrou escrita no seu carro na madrugada de ontem, quando saiu do restaurante em que comemorava com amigos o seu 24.º aniversário. Roberto Carlos desconfia que o presente de mau gosto é obra de algum torcedor do Barcelona, que escreveu o insulto na lateral direita traseira de seu BMW por racismo ou xenofobia.

A suspeita de Roberto Carlos não está associada apenas à histórica rivalidade entre torcedores do Real e do Barcelona, mas também a uma polémica surgida na semana passada. Quando esteve no Brasil para o amistoso do Brasil contra o Chile, o jogador deu uma entrevista ao jornal "O Estado de S. Paulo" na qual, respondendo a uma pergunta sobre racismo, afirmava que na Espanha só havia sofrido discriminação em Barcelona.

Roberto Carlos lembrou que num jogo em Barcelona cada vez que pegava na bola a torcida gritava macaco. E acrescentou que a cidade era uma das mais racistas do país. A frase chegou a Espanha, segundo ele, fora do contexto e criou polémica, com réplica de jogadores do Barcelona, como o apoiador Guardiola, que se sentiu ofendido.

— O que aconteceu agora só prova que o que eu falei é a pura verdade — desabala Roberto Carlos.

Lateral-esquerdo afirma que na Itália nunca foi provocado ou ofendido

Quando estava no Real Madri, o jogador colombiano negro Rincón foi alvo de pichações racistas feitas por torcedores do clube nas portas do Estádio Santiago Bernabeu. O técnico argentino Jorge Valdano também: sua condição de sul-americano foi recordada por seguidores do time com termos espanhóis pejorativos como *xudoca*. Embora conheça esses casos, Roberto Carlos se nega a admitir que o seu carro tenha sido riscado por torcedores do seu time.

— A torcida sempre foi muito carinhosa comigo — garante o jogador, considerado um dos mais carismáticos do Real.

Sem perder a calma, Roberto Carlos atribui a atitude a uma minoria que está fazendo um grande trabalho contra o futebol. Com a imprensa espanhola, optou

por não falar do assunto; com os companheiros do Real, não comentou nada. Tem ser outra vez mal interpretado.

— Eu fui chamado de macaco mas pelo menos não puseram em dúvida minha capacidade profissional. Acho que a ofensa tem como objetivo tirar a concentração do Real — avalia Roberto Carlos, que nunca passou por situação igual quando jogou pelo Internazionale, da Itália.

Mesmo conhecendo o caso de jogadores brasileiros que estão sendo vítimas de manifestações racistas em outros países, Roberto Carlos não vê motivos para preocupações. Segundo ele, casos como os seus são fatos isolados que não se generalizarão a ponto de fazer os brasileiros pensarem duas vezes antes de aceitarem uma proposta de times europeus.

— Os profissionais do futebol não deixarão que a situação chegue a esse ponto. No meu caso, só peço respeito — diz Roberto Carlos, que no mês passado foi chamado de ET pelo presidente do Atlético de Madri, Jesús Gil y Gil.

Donizete e Paulo Autuori se dizem vítimas de xenofobia em Portugal

Casos isolados ou não, o fato é que o racismo e a xenofobia já atingiram outros brasileiros. Júlio César (ex-Guarani e seleção brasileira) quase deixou o Borussia Dortmund (Alemanha) porque em setembro de 1994 um porteiro proibiu sua entrada na Discoteca Village, a mais famosa de Dortmund. O episódio teve enorme repercussão na cidade. A ponto de os dirigentes agirem para manter o zagueiro.

A atitude de Günter Samtlebe, prefeito de Dortmund, ajudou a diretoria do clube: ele pediu publicamente desculpas a Júlio César e exigiu uma investigação.

No início do ano, Donizete e o técnico Paulo Autuori (ambos campeões brasileiros pelo Botafogo em 95) deixaram o Benfica, que os contratara em 96, acusando os portugueses de xenofobia. Uma entrevista de Donizete ao GLOBO, no dia 4 de fevereiro, deu início à polémica. Entre outras declarações, ele afirma que os portugueses fazem de tudo para evitar um sucesso maior dos estrangeiros.

Segundo Donizete, os portugueses querem impedir também que, ao adquirirem dupla nacionalidade, os brasileiros joguem pela seleção nacional.

Quanto a Autuori, até os jornais exigiam que o Benfica trocasse o técnico brasileiro por um português. ■

Policia é indenizado por preconceito racial

Hoje em Dia,
18-4-97

Uma clara manifestação de preconceito racial levou o Tribunal de Alçada de Minas Gerais, através da 3.ª Câmara Cível, a negar a interpeção proposta por Yara Lúcia dos Santos Menez. O tribunal manteve integralmente a sentença do juiz da 30.ª Vara Cível de Belo Horizonte, que condenou Yara a pagar ao policial Genésio Lúcio Rodrigues uma indenização por danos morais no valor de R\$ 5 mil.

O juiz Kildare Carvalho declarou, em seu voto, que o policial sofreu danos morais ao ficar "satisfatoriamente caracterizado" nos autos, que Yara, vizinha de Genésio, se dirigiu ao policial em local público com palavras como

"macaco", "nego fedorento" e "urubu".

Neste caso, segundo o juiz Kildare, Yara denegriu a imagem do policial, o que ficou traduzido como preconceito racial, proibido expressamente na Constituição Federal (art. 3.º, IV, e art. 5.º, X). De acordo com os autos da ação de indenização, Genésio Lúcio Rodrigues acusa sua vizinha Yara Lúcia de tê-lo ofendido publicamente, em meio à comunidade do bairro São Tomás, com palavras depreciativas sobre sua cor negra.

O relator do processo, juiz Duarte de Paula, afirmou em seu voto que "o apelado, ao ser injustamente ofendido em sua auto-estima, teve sua imagem e honra abalada".

ta. Rosselita, por sua vez, alegou que Uliza não foi aprovada por questões de idade.

Testemunhas confirmaram o preconceito da empresária

Em sua defesa, o advogado de Rosselita afirmou ainda que Uliza tem "mania de perseguição por ser negra". Segundo o juiz, Rosselita orientou a funcionária do Sine, Márcia Tondato, que não lhe encaminhasse pessoas negras, pois a preferência era dar emprego a pessoas brancas e loiras.

Segundo depoimento de Márcia, que já trabalhou na Secretaria estadual de Trabalho e Ação Social, Rosselita afirmou que pessoas negras não têm boa aparência para exercer o serviço no jornal. Rosselita infringiu o artigo quarto da Lei 7.716/89, que trata do crime de racismo.

As exigências para concorrer à vaga no departamento comercial eram de que a candidata deveria ter Segundo Grau completo, boa aparência e fluência verbal.

Apesar das tentativas da defesa de provar que outras pessoas negras já tinham sido contratadas pela empresa, o juiz entendeu que "houve dolo da ré pelos motivos determinantes de sua conduta." ■

Empresária é condenada à prisão por racismo

Candidata a emprego em jornal perdeu a vaga porque era negra

O Globo,
17-4-97

• O juiz da 7.ª Vara Criminal, Antônio Carlos Nascimento Amado, condenou a dois anos de prisão a empresária Rosselita Favilla de Lima por crime de racismo contra a contadora Uliza Maria de Souza Batista. Negra, Uliza fora encaminhada pelo Sistema Nacional de Emprego (Sine/RJ) como candidata ao cargo de contato no jornal "Diário de Concorrências", na Rua Leandro Martins 20, no Centro.

De acordo com a denúncia feita por Uliza, Rosselita se referia a ela como "negrinha maltrapilha, sem modos" quando a contadora se apresentou para a entrevista no jornal. Uliza disse também que sequer foi submetida à entrevista

Continuação da página anterior

Convenção do PPB vira ato de desagravo a Maluf

teira (PPB-MA), que também discursou, Maluf passou a ser perseguido quando pesquisas apontaram que 40% do eleitorado o preferiam como candidato à Presidência e que isso seria apavorante "para a turma do FH".

— Mas para atingir Maluf eles atiraram no Pitta — disse Cafeteira, explicando que o prefeito agiu com honestidade quando alugou um carro para a mulher, em vez de usar um da Prefeitura, sem explicar que o aluguel foi pago pelo Banco Vector.

Na defesa de Pitta, Cafeteira afirmou que não passava de maledicência a afirmação de que Pitta e a mulher ganharam passagens de avião para a Europa.

— Essas mentiras contra Pitta

que, no clima da convenção, conseguia finalmente reencontrar a alegria perdida. Ele explicou que a intenção da CPI, ao atacá-lo, era unicamente deixá-lo paralisado, sem forças para administrar.

— Não vamos ficar paralisados por essa CPI. Nisso nossos adversários não acertaram — disse, sendo freneticamente aplaudido.

Argumentando que falava com o aval dos três milhões de votos que recebeu, fez um rápido balanço dos 103 dias de gestão, vangloriando-se de ter continuado o programa "Leve leite", asfaltado ruas e feito parques e jardins.

Em rápido discurso, o presidente do PPB, senador Esperidião Amin (SC), afirmou que a administração Maluf foi de resul-